

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo



CHARLES SOUSA PINHEIRO

**PROJETO VIDEOCLÍPE E MULTIMÍDIA:
a música como integradora das linguagens artísticas no
Ensino Fundamental II**

São Paulo

2024

CHARLES SOUSA PINHEIRO

**PROJETO VIDEOCLÍPE E MULTIMÍDIA:
a música como integradora das linguagens artísticas no
Ensino Fundamental II**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes- ProfArtes - do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP - como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre na área de concentração Artes, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Anna Claudia Agazzi.

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

P654p Pinheiro, Charles Sousa (Chuck SP), 1969-

Projeto videoclipe e multimídia : a música como integradora das linguagens
artísticas no ensino fundamental II / Charles Souza Pinheiro. -- São Paulo,
2024.

64 f. : il. color. + apêndices

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Claudia Agazzi.

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Ensino. 3. Ensino fundamental. 4. Música. 5. Arte e
música. 6. Música e Tecnologia. 7. Arte e tecnologia. 8. Vídeos musicais. I.
Agazzi, Anna Claudia, 1969-. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

CHARLES SOUSA PINHEIRO

**PROJETO VIDEOCLÍPE E MULTIMÍDIA:
a música como integradora das linguagens artísticas no
Ensino Fundamental II**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
Profissional em Artes – ProfArtes do Instituto de
Artes da Unesp, como requisito parcial para obtenção
de título de Mestre em Artes.

Dissertação aprovada em: 25/03/2024

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Anna Claudia Agazzi (Orientadora)

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, campus de São Paulo

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, campus de São Paulo

Prof. Dr. Euclides Alves Vital Junior

Centro Universitário SENAC - São Paulo

A todos os que se exercitam em
melhorar a educação pela música
e a música na educação.

AGRADECIMENTOS

Ao Soberano Deus, que a tudo conduz.

Aos meus pais, pelo apoio desde sempre e por todo amor que recebi e por inundarem nossos momentos com música. Ao soprano lindo da minha mãe, dona Bembem.

À minha esposa, Renata Pinheiro, presente indispensável para o que consigo fazer com êxito, meu ancoradouro. Sua paciência e a palavra dita no tempo certo e por aguardar o efeito delas em mim com perseverança. Tentar me ver como você vê me faz muito bem, quando é agradável e especialmente quando não é. Obrigado por suportar as estações ao meu lado.

À minha escola EMEF Dep. Januário Mantelli Neto: à gestão e especialmente a AD Lígia Stanislau e a Profa. Ellen Piazzon Peres pelas mágicas para compor os horários de aula para favorecer a pesquisa. Aos colegas e funcionários e a toda comunidade escolar, o meu muito obrigado pela contribuição.

Aos meus alunos que me ensinam a aprender a ensinar enquanto eu tento ensinar a aprender.

Ao SESI que me possibilitou o incômodo pedagógico que gerou o projeto. Obrigado ao extinto 329.

À UNESP – IA e ao ProfArtes, aos meus mestres e colegas valorosos, por ampliarem meus horizontes e me fazerem ver que posso ser um professor melhor.

Agradeço muitíssimo à minha orientadora, Dra. Anna Claudia Agazzi. Quanta presença e tranquilidade. Obrigado pela orientação e constante encorajamento.

Corpos e mentes infectados passaram a delirar tecnologicamente. O sintoma febril manifestou-se por um desejo descabido e injustificado de tecnologia. Um cérebro infectado era capaz de associar os feitos de uma máquina à própria manifestação de um deus. Acreditava, em seu delírio tecnológico, estar diante de alguma n-ésima maravilha do mundo.

Pelópidas Cypriano

RESUMO

Este trabalho buscou implementar uma proposta pedagógica em aulas de arte, desenvolvidas na educação da rede municipal da cidade de São Paulo, em uma escola da periferia, a partir da explicitação da música como linguagem e saber independente e, no entanto, como grande integrador das demais linguagens da arte (dança, teatro e artes visuais), em um trabalho coletivo. Fazendo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDICs), especialmente do aparelho celular, o smartphone, como meio físico para a mediação digital, o projeto propôs um processo de criação e expressão. Ao final, não só foi possível ter a música conjugando as outras linguagens, como desenvolver nos alunos aspectos como autonomia, resolução de problemas e trabalho em equipe.

Palavras-chave: música; artemídia; interdisciplinaridade; linguagens artísticas; videoclipe; educação.

ABSTRACT

This work sought to implement a pedagogical proposal in art classes, developed in São Paulo's municipal public education system, in a school on the outskirts of the city, based on explaining music as an independent language and knowledge, yet as a great integrator of the other languages of art (dance, theater and visual arts), in a collective work. Making use of TDICs, and especially the cell phone, the smartphone, as a physical medium for digital mediation, the project proposed a process of creation and expression. In the end, it was not only possible to combine music with other languages, but also to develop aspects such as autonomy, problem-solving and teamwork in the students.

Key words: music; artmedia; interdisciplinarity; artistic languages; music videos; education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fachada da EMEF Dep. Januário Mantelli	15
Figura 2 – Michael Jackson, Eddie Murphy e Iman no clipe de <i>Remember the Time</i>	31
Figura 3 – Alunos do 9º A no dia da divisão de equipes	40
Figura 4 – Divisão de alunos em grupos	43
Figura 5 – Alunos em exercício de captura de imagem	44
Figura 6 – Alunos debatendo os roteiros nos grupos.....	46
Figura 7 – Equipe analisando o espaço da escola como locação para filmagem	46
Figura 8 – Ensaio de coreografia com música na quadra da escola	47
Figura 9 – Equipe de alunos em teste de filmagem	47
Figura 10 - Ensaio para gravação	48
Figura 11 – Exercício prático de vídeo criativo	49
Figura 12 – Exibição dos videoclipes no pátio em horário de intervalo	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEU	Centros Educacionais Unificados
EACH	Escola de Artes Ciências e Humanidades
EaD	Educação a Distância
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
OAD	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento
PIGEAD-LANTE	Planejamento, Implementação e Gerenciamento de Educação a
UFF	Distância
SESI	Serviço Social da Indústria
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCA	Trabalho Colaborativo de Autoria
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivo.....	12
1.2	Justificativa.....	12
1.3	Sobre a Escola	15
2	UMA TRAJETÓRIA COM AS (OUTRAS) LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	18
3	PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM O VIDEOCLÍPE.....	21
4	AMPLIANDO AS BASES TEÓRICAS DO PROJETO	26
4.1	Videoclipe como ferramenta didática	26
4.2	Videoclipe – Integrador das Artes por meio da Música.....	28
5	PROJETO VIDEOCLÍPE E MULTIMÍDIA: PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO NA ESCOLA	33
5.1	Música.....	37
5.2	Videodança	39
5.3	Desenvolvimento do projeto.....	39
6	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE A – PLANO DE AULA DIDÁTICA PROPOSTA PARA OS 8º ANOS.....	59
	APÊNDICE B – PLANO DE AULA DIDÁTICA PROPOSTA PARA OS 9º ANOS.....	61
	APÊNDICE C – REPERTÓRIO DE MÚSICAS PARA SENSIBILIZAÇÃO E PERCEPÇÃO	63
	APÊNDICE D – LINK DE VIDEOCLÍPES	64

1 INTRODUÇÃO

Considero uma impossibilidade desenvolver uma pesquisa como esta, sem assumir um evidente envolvimento pessoal com ela. Como demonstrar alguma isenção diante de tentativas de melhorar a própria ação docente e de apresentar as dores e os amores próprios do fazer artístico? Como não assumir a vida dentro de uma investigação se o processo de construção se torna objeto de estudo e o produto uma indicação ou um dos motivos para se atentar a esse processo? Portanto, que não se veja com estranheza ou arrogância as falas contidas neste trabalho. Antes, que sejam percebidos os incômodos, os fracassos, as surpresas boas ou ruins, as alegrias e tristezas que motivam mais um professor a fazer da sua atividade docente uma tentativa de crescimento compartilhado para melhorar nossa relação uns com os outros, com o mundo à nossa volta e consigo mesmo.

O papel ativo do professor como designer de caminhos, de atividades individuais e em grupo é decisivo e diferente. O professor torna-se, cada vez mais, um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora. (Bacich; Moran, 2018, p. 9)

Os acontecimentos experimentados pelo mundo desde o início de 2020 vieram atestar, de uma vez por todas, o que já vinha sendo alardeado nas décadas anteriores: a importância do uso da tecnologia digital como ferramenta imprescindível no processo de ensino e de aprendizagem para as demandas do novo século. Milhões de alunos do mundo todo foram obrigados a transformar seu lar em sala de aula por conta da pandemia do Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. É óbvio que nem todos os alunos tinham as condições necessárias para essa nova forma de aprender. Os professores tampouco para uma nova forma de ensinar. Seja como for, a tecnologia digital foi a viabilizadora do ensino e da aprendizagem no período pandêmico. Acelerou a criação ou a utilização de soluções em hardware e software em meio às restrições severas de contato presencial visando a saúde pública. O mais irônico foi ter tornado o objeto que era quase que sinônimo de dispersão, um inimigo do trabalho docente, no seu mais necessário e importante recurso para que a relação ensino e aprendizagem se estabelecesse. De um momento para o outro, o mesmo professor que desejava não ter alunos com celulares nas mãos, precisa que todos os alunos tivessem um.

Desde o final do século passado pesquisadores como o Dr. Moran já apontavam a internet e a evolução tecnológica como diversificadoras da aprendizagem e a escola como principal certificadora desse processo (Moran, 2000).

Oliveira (1992) apontou para o surgimento da Artemídia e antecipou o videoclipe, componente importante deste estudo, como um veículo expressivo da arte, extrapolando o seu uso comercial máximo para o entretenimento. À época, ele percebia o videoclipe subestimado e desligado da expressão artística, mas em plena ascensão expressiva e de comunicação.

1.1 Objetivo

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma proposta pedagógica para alunos do Ensino Fundamental II, no chamado ciclo autoral anos finais, dos 9º anos nas aulas de Arte desenvolvidas na educação municipal paulista em uma escola pública da periferia, a partir da explicitação da música como linguagem e saber independente e, no entanto, como grande integrador das demais linguagens da arte (dança, teatro e artes visuais), redundando em um trabalho coletivo. Os alunos, divididos por equipes de trabalho, fizeram uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), tendo especialmente o aparelho celular smartphone como mediador físico para um processo de criação e expressão digital.

A escola é a EMEF Dep. Januário Mantelli Neto¹, e para a execução do trabalho foram observados os principais documentos norteadores da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo: *O Currículo da Cidade – BNCC*, *Orientações Didáticas do Currículo da Cidade – Arte* e *o Currículo da Cidade – ARTE*. Portanto, pretendeu-se proporcionar aos estudantes um processo de criação em que fosse utilizado o potencial unificador da linguagem da música na medida de suas relações com as demais linguagens artísticas.

O videoclipe é o produto que materializa o encontro dessas linguagens conduzidas pela música. Tratou-se da música como o grande unificador e condutor de todo o processo em que se pode perceber e desenvolver o seu potencial aglutinador.

1.2 Justificativa

Antes da obrigatoriedade sanitária do isolamento social, os professores, acostumados a fazer as devidas adequações aos seus planejamentos, foram obrigados (e a maioria sem o devido preparo) a lançar mão de um meio completamente diferente para exercer sua docência: o digital. O smartphone, objeto que tinha a antipatia docente a ponto de ter seu uso proibido (Tokarnia,

¹EMEF é a sigla de “Escola Municipal de Ensino Fundamental” e designa as escolas com séries de 1º ano a 9º ano.

2023)² e por muitos considerado sinônimo de dispersão e falta de atenção às aulas, passou a ser o maior, senão o único aliado, item obrigatório para se estabelecer a relação de ensino e aprendizagem.

A despeito da ironia, toda a comunidade escolar se irmanou para tentar minimizar o impacto negativo que aquele momento trouxe. Passado esse período, pode-se dizer que o momento crítico acelerou em muito o uso e a dependência dos meios digitais para a educação escolar. O “novo normal” precisa considerar o uso da tecnologia digital, do aparelho celular e seus correlatos, que passaram a fazer parte do material didático-pedagógico. Se antes era difícil negar a necessidade do uso de recursos digitais, agora mais ainda.

A formação de professores da próxima geração já é digital e cresce à medida que o presencial diminui (G1, 2022)³.

Os governos legislam sobre a utilização de celulares e tablets em sala e fazem distribuição na rede pública, que é a maior do Brasil.

Cortês (2009) já concluía mais de uma década antes da pandemia:

Atualmente, não podemos mais adiar o encontro com as tecnologias passíveis de aproveitamento didático, uma vez que os alunos voluntários e entusiasmamente imersos nestes recursos – já falam outra língua, pois desenvolveram competências explicitadas para conviver com elas. (Cortês, 2009, p. 18)

Então, esse é um caminho sem volta. Por outro lado, há preocupações com o uso excessivo de telas e os danos à saúde. Os males do excesso ou do mau uso da tecnologia afetam os professores também. Até certo ponto todo usuário corre o risco de sofrer algum distúrbio causado pela dependência digital. Como em qualquer outra atividade, é preciso ter preocupação em não incentivar excessos (Cásper, 2020)⁴.

Mesmo que tenha experimentado rápida expansão, a multimídia ainda é algo novo, mas é necessário assumir que já é parte indissociável da vida e a docência do século 21 precisa se apropriar disto, quebrando definitivamente a conduta disciplinar fechada e severamente

²Recentemente a capital do Rio de Janeiro proibiu o uso do aparelho celular em sala de aula, pelo Decreto 53.019 de 2023, que proíbe também outros dispositivos eletrônicos, que devem permanecer guardados, desligados ou ligados em modo silencioso e sem vibração. Entretanto, seu uso é permitido em atividades quando a finalidade for educacional e sob a orientação do professor. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-08/municipio-do-rio-de-janeiro-proibe-uso-de-celular-em-salas-de-aula>. Acesso em: 08 ago. 2023.

³6 em cada 10 docentes se formaram à distância; número mais que dobrou em 10 anos, diz Todos Pela Educação. G1, São Paulo, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/07/20/6-em-cada-10-docentes-se-formaram-a-distancia-numero-mais-que-dobrou-em-10-anos-diz-todos-pela-educacao.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2023.

⁴REDES. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (6 min.). Publicado pelo canal Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EaAqDuaA-d0> Acesso em: 16 nov. 2022.

delimitada. Agora não há como conversar com esse tempo sem entrelaçar saberes, quebrar paredes, multiplicar conexões, desobstruir limites, transconectar mundos. Há projetos em andamento para *fazer* outro mundo – o metaverso (Pereira, 2009)⁵ já é um gigantesco projeto levado muito a sério.

Diante disto surge uma clara oportunidade de efetivação de uma experimentação das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro em um projeto em que as linguagens artísticas se conectem em um único produto: um videoclipe. A Linguagem musical pode ser o ponto de partida e grande integrador das demais linguagens artísticas ministradas na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo e nesse trajeto pode-se investigar as possibilidades didáticas e metodológicas disponíveis para educação em arte multimídia.

Apesar de a educação municipal da cidade de São Paulo ter em seu currículo as quatro principais linguagens da Arte – o Teatro, a Dança, a Música e as Artes Visuais – apenas esta última parece ser o sinônimo da expressão artística para praticamente toda a comunidade escolar. Isto fica evidente quando das primeiras aulas com as turmas fazemos um diagnóstico para então expor as diferenças, aproximações e interseções entre as linguagens. Supõem-se várias razões para isso e entre elas está o fato de o número de professores da linguagem das Artes Visuais ser muito superior ao das outras linguagens. Por isso os alunos têm muito mais contato com a linguagem visual e, assim, quando perguntados sobre sua vivência em artes ou sobre artistas famosos, costumam citar nomes famosos das artes plásticas.

A popularização dos smartphones e dos acessos digitais intensificou para a linguagem musical o papel de atividade de mero entretenimento, ignorando-se sua função como linguagem singular, como código ímpar e universal de expressão do ser humano com todos os benefícios que lhe são próprios.

A preocupação com o uso inadequado dos smartphones no ambiente escolar está posta. Como torná-lo um aliado na necessária interação que ele impõe ao cotidiano de nosso tempo? Como fazer que seu uso seja um aliado inserindo a escola em uma educação midiática? Como fazer uso das principais redes sociais⁶ de compartilhamento de vídeos (Facebook, Instagram,

⁵Apesar de o assunto ter ganhado eco no período da pandemia do Covid-19, já havia debate acadêmico sobre o assunto como em 2009 *Metaverso, interação e comunicação em mundos virtuais*, de Itamar de Carvalho Pereira. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4863/1/2009_ItamardeCarvalhoPereira.pdf Acesso em: 23 jul. 2023.

⁶De acordo com a Globalad, as plataformas de redes sociais mais usadas pelos brasileiros são: WhatsApp: 93.4%; Instagram: 89.8%; Facebook: 86.8%; TikTok: 65.9%; Facebook Messenger: 65.1%; Telegram: 59.0%; Kuaishou (Kwai): 55.8%; Twitter: 47.7%; Pinterest: 46.4%; LinkedIn: 36.5%; Snapchat: 20.0%; Skype: 19.3%; Discord: 16.4%; iMessage: 12.0%; Reddit: 9.6%. Disponível em: <https://globalad.com.br/blog/digital-brazil-2023/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Tiktok, YouTube, WhatsApp, entre outros) em favor do processo de ensino e aprendizagem? Não há como adentrar a esse universo sem passar pelas linguagens da Arte.

1.3 Sobre a Escola

A EMEF Dep. Januário Mantelli (Figura 1) está localizada na zona leste de São Paulo, em um sub-bairro conhecido como Parque Cisper, no distrito de Ermelino Matarazzo.

Figura 1 – Fachada da EMEF Dep. Januário Mantelli



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Chama-se “Parque Cisper” por conta da fábrica garrafas de vidro da empresa Cisper (Companhia Industrial São Paulo e Rio), inaugurada em 1940. A fábrica hoje se chama OI do Brasil (Owens Illinois do Brasil). Por causa dessa indústria, o Serviço Social da Indústria (SESI) tem uma unidade educacional próxima. Essa unidade escolar, SESI CE 074, está do outro lado da rua e um pouco mais à frente em relação à EMEF. O SESI presta esse apoio ao industrial em um educandário privado que beneficia tanto seus associados quanto a comunidade em geral.

Na esquina, um pouco antes e do mesmo lado da rua, está a EMEI Rodrigo Soares Júnior, outra unidade escolar municipal. Boa parte dos alunos que passam pela EMEI⁷ são atendidos na EMEF no ciclo educacional seguinte.

Entre a EMEI e a EMEF, separado desta por um muro alto e alambrados, está o Clube da Comunidade Areão de Vila Cisper, uma iniciativa comunitária que se tornou ponto de encontro dos boleiros da região e que, além das dimensões próximas à de um campo de futebol,

⁷A sigla EMEI representa “Escola Municipal de Educação Infantil” e nomeia as escolas com atendimento para crianças em idade de 4 a 5 anos.

tem grama sintética e iluminação noturna. Ali muitos de nossos alunos são atendidos na prática esportiva em uma escolinha de futebol.

Não muitas quadras dali está um dos Centros Educacionais Unificados da cidade, o CEU Quintas do Sol, muito acessado pela comunidade escolar por contar com atividades extracurriculares envolvendo práticas esportivas específicas, capoeira, uso de piscina, acesso à biblioteca, sessões de cinema e teatro, diversos cursos livres nas áreas da música, dança, teatro e artes plásticas e muitas outras atividades em cursos livres e atividades recreativas.

A escola tem uma localização privilegiada. Está em uma região rica em acessos (avenidas importantes levam à Rodovia dos Trabalhadores, Jacu-Pêssego, Rodovia Presidente Dutra, Fernão Dias, Marginal Tietê entre outras) e pela proximidade à Escola de Artes Ciências e Humanidades (EACH), o conhecido campus USP Leste. Essa universidade tem mantido importantes ações nas escolas da região, inclusive nesta EMEF. Uma das estações de trem metropolitano é a que leva o nome da USP e dá acesso ao campus e ao Parque Ecológico do Tietê. Mesmo antes disto, a escola já desfrutava de um relacionamento bom com a comunidade e tem logrado respeito por gerações desde sua inauguração.

Muitas das melhorias que a região recebeu com o passar dos anos se deu por conta da atuação de movimentos sociais e dentre eles o mais expressivo teve a ação do padre Antonio Luiz Marchioni, carinhosamente conhecido como padre Ticão. Junto com a comunidade, especialmente de fiéis, participou da invasão do prédio da Secretaria de Estado da Habitação, na década de 1980, no intuito de pressionar o então governador Franco Motoro para a construção de conjuntos habitacionais. Além dessa e muitas outras ações, foi importante para a instalação do Hospital de Ermelino Matarazzo e da mobilização para a instalação da USP Leste (EACH) e da Universidade Federal de São Paulo na zona leste (instalada em Guarulhos, município vizinho e de acesso melhor para alunos da região do que as outras federais na cidade). Faleceu em 01 de janeiro de 2021⁸.

Grupos de alunos da EMEF frequentemente são apresentados a um outro movimento cultural da região: a Ocupação Cultural Mateus Santos. Esta é uma união de coletivos culturais locais organizados a partir do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo.

A Vila Sílvia, no entorno da escola, já recebeu artistas como Mano Brown e Seu Jorge em festivais de música.

⁸CAMARGO, C. Morre padre Ticão, líder de movimentos sociais na zona leste de São Paulo. Folha de S. Paulo, 02 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/morre-padre-ticao-lider-de-movimentos-sociais-na-zona-leste-de-sp.shtml>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

Há, portanto, um bom acesso a bens culturais, recreativos e educacionais à disposição da comunidade escolar nas cercanias da escola e a EMEF constantemente se vale disso em projetos e outras atividades com fins pedagógicos.

2 UMA TRAJETÓRIA COM AS (OUTRAS) LINGUAGENS ARTÍSTICAS

O objetivo era simples: aprender música de forma mais profunda para ensinar música de maneira significativa. Mas o plano inicial não era esse, era cursar Ciências da Computação, na mesma universidade, um novo e emergente curso em um mundo que experimentava os primeiros reflexos da incipiente revolução tecnológica digital. Menciono isso porque meu apreço pelas TICs ainda permanece e é muito útil para meu trabalho.

Quando da graduação, achei que teria contato apenas com grandes estudiosos da música e do ensino de música, ainda que a licenciatura estivesse clara, o que obviamente implicava contato com teóricos da pedagogia. Um deles foi bem destacado por uma professora de uma das chamadas disciplinas pedagógicas por aparentemente fazer parte de suas pesquisas e ser constantemente mencionado por ela: Phillippe Perrenoud.⁹

Mal sabia que, mais tarde, termos como competências e habilidades seriam tão recorrentes no meu cotidiano escolar. Da mesma forma, sua proposta de avaliação por ciclos trienais e não mais com a prática anual da época. Mas me chamou especialmente a atenção sua crença de que o aluno precisa de tempo para amadurecer e esse tempo é variável dentro das faixas etárias. Várias de suas concepções, ainda que não concorde totalmente com todas elas, só vieram a fazer sentido após a formação inicial na universidade, quando já estava em sala de aula com 35 alunos diante de um recém habilitado. Percebi que esperavam de nós uma nova forma de abordar os alunos e nova prática pedagógica. Talvez o desafio pela busca de práticas pedagógicas diferentes para públicos diferentes tenha começado ali: eu sei alguma coisa, mas como é que eu desperto esses que estão diante de mim para esse universo que me é tão caro?

O preparo pedagógico não fez sentido até que obrigatoriamente tivesse que ser implementado com as peculiaridades das artes musicais. Entretanto, antes que pudéssemos estudar a linguagem dos sons propriamente dita em suas nuances, outras duas linguagens nos foram impostas na licenciatura, o teatro e as artes plásticas.

Ainda em nosso primeiro semestre na graduação, tivemos a matéria de título peculiar chamada *Forma de Expressão e Comunicação em Artes – II*, tratando da linguagem do Teatro. Nela fomos apresentados a vários textos e técnicas teatrais e dentre eles ao teatro do oprimido

⁹Philippe Perrenoud é um suíço, doutor em sociologia e antropologia, atualmente com 79 anos, que trouxe ideias inovadoras sobre a avaliação dos alunos e a profissionalização de professores, tornando-se uma referência para educadores.

de Augusto Boal¹⁰. Minha interpretação ainda é de que se trata de uma forma de fazer teatro considerando tudo como uma grande cena. O mundo passou a ser visto por mim como um grande teatro em que as pessoas são atores ainda que de maneira inconsciente. Obviamente isto chega à sala de aula. Uma forma de fazer teatro como algo para conhecer a realidade a fim de interferir nela pareceu-me bem convidativo. Não pudemos, eu e minha turma de músicos, dizer que tínhamos a pretensão de sermos atores, nem mesmo de lidarmos com o fazer teatral em sala de aula, mas notadamente nossa perspectiva sobre o teatro foi completamente modificada. Hoje não consigo imaginar a sala de aula senão como um palco, mesmo não me percebendo como um ator formal.

A linguagem das artes que talvez tenha nos acompanhado de maneira mais significativa foram as artes plásticas, ou visuais. Isso porque uma das professoras de música juntou-se ao professor de artes visuais em um projeto interdisciplinar. A maioria de nós, graduandos, não tinha vivência com o mundo do desenho, da expressão pictórica das formas conhecidas e/ou ignoradas e naturalmente nos sentimos desconfortáveis diante de um vocabulário que não nos pertencia até então. Mas encontramos alguém que demonstrou muita paciência para tirar de nós o que nem sabíamos possuir. Cada vez que me deparo com alunos sendo arredios com alguma linguagem me lembro dele, Prof. Neder Roberto Charone¹¹. Olho para o aluno e me vejo ali, indisposto a me permitir expressão pelo traço, pelo circuito, fruindo pelos dedos na ponta de um lápis. Aprender a aprender também é aprender a ensinar. Esse projeto interdisciplinar culminou com uma experiência que misturava as sensações plásticas com música e provocações a uma reflexão artística sobre o que se havia experimentado. Entendi que é muito mais fácil falar de algo que se experimenta do que apenas possibilidades teorizadas. Também que a música não é, especialmente na vida diária dos alunos, algo que possa ser experimentado em um isolamento artístico. Na maioria das vezes, especialmente para as gerações das últimas três décadas, vem acompanhada por outra afeição artística direta ou indiretamente.

A última parte desse caldeirão artístico na graduação foi a música. Ela transpassou todas as outras. De tantos nomes e práticas que nos foram apresentados, dois em certo sentido me acolheram. Curioso por bibliografia de métodos de ensino de música, especialmente para

¹⁰ Augusto Pinto Boal foi um brasileiro do Rio de Janeiro, tido como a maior contribuição na dramaturgia na criação de um teatro verdadeiramente brasileiro e latino-americano. Tornou-se conhecido pela criação do *teatro do oprimido*, um modelo cênico que busca despertar a consciência social dos espectadores e participantes.

¹¹ O Dr. Neder Charone ainda é docente na Universidade Federal do Pará (UFPA) e continua a despertar o espírito artístico em seus alunos, proporcionando a eles a experiência estética para um conhecimento melhor da arte.

crianças, fui apresentado ao violoncelista francês Maurice Martenot¹², muito usado por autores simpatizantes de métodos ativos de educação musical. Sua visão holística do homem e sua pedagogia considera vital perceber o aprendente em seu contexto social. Seus três princípios básicos (representação, reconhecimento e realização) tinham toda relação com os atravessamentos disciplinares que havia experimentado. Ademais, defendia que o ensino da arte não se prendia a uma parcela social privilegiada no desempenho musical.

Mas creio que a maior influência em minha prática inicial no ensino seja o canadense Murray Schafer¹³. Ele também tem seu pensamento caracterizado por três eixos: a relação som/ambiente, a confluência das artes e a relação da arte com o sagrado. Schafer cunhou a palavra *soundscape*, a *paisagem sonora*, para identificar sua pesquisa do contexto sonoro com preocupação ecológica, a chamada *ecologia acústica*. Sua educação musical toma o ambiente sonoro e as relações com ele como ponto de partida para educar musicalmente. Sua perspectiva de integração de linguagens, o *Teatro de Confluência*, atende à necessidade que tenho de apresentar as manifestações artísticas como interseções inevitáveis e até naturais.

Ao lembrar desses eventos agora, durante o mestrado, duas palavras, recorrentes nas disciplinas durante o ProfArtes, me vêm à mente: experiência e Dewey. Para John Dewey o próprio conceito de Arte “é uma variedade da experiência, e não uma entidade em si [...] a experiência é uma questão da interação do produto com o eu” (Dewey, 2010, p. 558). É preciso experimentar para poder conhecer.

¹²Maurice Martenot foi um educador musical francês de Paris (1898). Apesar de pouco citado no Brasil, foi entusiasta dos chamados Métodos Ativos, divulgando ideias parecidas a de educadores musicais como Edgar Willems e Jaques-Dalcroze.

¹³O canadense R. Murray Schafer foi compositor, escritor e educador musical. Autor de livros importantes na educação e formação musical, pesquisou o conceito de *paisagem sonora*.

3 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM O VIDEOCLÍPE

Como é natural que aconteça, toda a influência recebida durante a graduação começou a compor naturalmente o meu fazer em sala de aula.

Quando ainda estava na licenciatura, lembro-me de um exercício de percepção musical que apreciava muito. Ficávamos deitados no chão em decúbito dorsal, as luzes da sala eram amenizadas ao máximo e então a música era executada. Daí então nos concentrávamos na música. Essa posição favorecia o relaxamento de tal forma que sentia como se pudesse *ver* a música em um desfile de suas formas e cores diante dos olhos. Naqueles idos era possível *ver a música* pelos olhos dos grandes produtores através dos vídeos em clipes musicais. E se eu pudesse traduzir em imagens a forma como eu vejo essa música ou o que eu acho que ela diz sobre o meu mundo, ou a minha percepção deste mundo? E se eu pudesse fazer um videoclipe? E se eu pudesse protagonizar o videoclipe?

A ideia não tinha nada de original, mas em meio ao ambiente de graduação a maior parte das pretensões tinha a aplicação na vida profissional como foco. Talvez um dia fosse possível ter condições mínimas de usar a música como fundamento pedagógico na produção de um videoclipe, sem as preocupações orçamentárias que um videoclipe exigia no início dos anos 2000. Parecia algo bem distante, em um futuro que provavelmente eu não veria. Um professor resignado dedica-se então a fazer o melhor uso possível de videoclipes a serviço de sua atividade musical em sala de aula.

Em meados da primeira década deste século, ministrava aulas de Arte em escolas da rede Sesi e escolas do Estado de São Paulo. No Sesi, sem embargo de ministrar a disciplina *Artes* com ênfase na linguagem visual, já vinha desenvolvendo um trabalho de musicalização interessante com um grupo de turmas desde o quinto ano.

Falava-se em interdisciplinaridade e eu percebi que, embora estivéssemos procurando exercitar conexões entre as disciplinas, não havia conexões claras entre as linguagens da Arte. Parecia contraditório que na escola houvesse essa distância e fora do seu ambiente isso fosse tão vivenciado pelo aluno. Fora da formalidade escolar de uma disciplina, o aluno não tem a preocupação de fazer distinção entre música, artes visuais ou plásticas, dança e teatro. Ele apenas as consome. Nos comerciais de produtos diversos há a preocupação em mostrar como as combinações de cores, formas, luz e sombra procuram se conectar com quem tem o potencial de consumo. Está nos comerciais, nos reclames em todos os lugares onde é possível dispor-se aos sentidos das pessoas. Nesses mesmos territórios convivem as danças, as chamadas teatrais, os esquetes nos humorísticos, as instalações, as cores, letreros e os jingles. Desta forma,

levando-se em conta a exposição diversificada, a facilidade de acesso, a diversidade de plataformas e a multimídiação, o videoclipe é, parece-me, o maior exemplo do entrelaçamento das linguagens em um único produto disponível ao aluno.

Aquelas eram as primeiras turmas com as quais já vinha desenvolvendo um trabalho desde o 5º ano. Considerando a trajetória que tinha com aquelas turmas, que a escola teve uma rede wi-fi instalada (o que era raro naqueles anos), que o poder aquisitivo dos alunos do SESI era um pouco mais elevado que o das escolas públicas, decidi fazer um projeto para o fechamento do tempo dos alunos no Ensino Fundamental que ainda era de apenas 8 anos. Nesse projeto pretendia conectar as linguagens em um único trabalho que seria feito por etapas durante o ano todo a partir de uma revisão sobre as linguagens artísticas e suas conexões até redundar na produção de uma paródia de um videoclipe.¹⁴

A procura por alguma referência em um projeto desse tipo foi infrutífera de início. Apesar dos receios com a instituição, com a reação dos pais e com a resposta dos alunos, seguimos com um projeto incipiente e fui surpreendido com o resultado muito positivo. Alguns pais se envolveram e participaram da produção por vontade própria e alguns alunos superaram a expectativa. Certamente as definições de imagem das câmeras estão longe dessas que já vêm embarcadas nos aparelhos celulares de 2020. A melhor das câmeras fotográficas/filmadoras não excedia os 5.0 megapixels e eram adquiridas com algum esforço. À guisa de comparação, o celular de entrada mais simples, além de ter duas câmeras – a frontal e a principal na traseira – já apresentava mais que o dobro disso em sua câmera principal.

Para o ano seguinte já havia feito algumas modificações para o projeto, buscado corrigir alguns erros. Percebi que precisava deixar mais claro o que esperava que fizessem, as etapas apresentavam certa confusão, não pensara em um laboratório para exercícios minimamente práticos. Até a conclusão do trabalho, os alunos não haviam demonstrado entendimento da conexão entre as linguagens artísticas, a forma de lidar com os conflitos que eventualmente surgiram nas equipes e eu tive que reconhecer certa ignorância no uso de alguns softwares editores de vídeo. Durante o processo, também tive que renunciar à premissa de que o trabalho só poderia ser apresentado em grupos. Tornou-se necessário pensar no que pode ser feito quando, apesar de todas as tratativas, o grupo se autodestrói e tentativas individuais ou em duplas e trios se tornam mais viáveis (Cohen; Lotan, 2017).¹⁵

¹⁴Alguns exemplos de vídeos produzidos pelos alunos no projeto das aulas de Artes no SESI 329: <https://www.youtube.com/watch?v=gWEge3psh0Y> Química - Legião Urbana. Clip de Artes 2010 Sesi 329 <https://www.youtube.com/watch?v=iPWp6ucLnJI> Amigo fura olho (trabalho). Acesso em 13 nov. 2023.

¹⁵Durante o mestrado, tomei contato com um interessante livro na estante da EMEF: *Planejando Trabalho em Grupo*. Nele as autoras, Elizabeth Cohen e Rachel Lotan, apresentam estratégias para que professores organizem

A experiência fora positiva. Os trabalhos naturalmente responderam aos estímulos de elementos musicais na produção de seus vídeos. Com os recursos de que dispunham na época, também demonstraram preocupação com cenário, colaram imagens ao vídeo representando a mensagem da música, produziram efeitos especiais¹⁶. É bem verdade que conseguiram apresentar a música como ponto de partida e todo o processo mostrou isso, mas ainda faltava uma preparação inicial para que essa ação fosse consciente da música como o foco integrador das linguagens artísticas.

A segunda turma com o projeto não foi possível em virtude da atribuição das salas. Mas ainda estava com as turmas do ano anterior, agora no Ensino Médio e foi possível tirar proveito do êxito do trabalho anterior. Nessa experiência, os alunos se tornaram mais à vontade para experimentar o fazer artístico. Lembro ter sido a primeira vez em que me peguei pensando se não poderia chamar o processo de obra artística da mesma forma que chamo o produto.

Passando a trabalhar na rede municipal de Guarulhos, produzi eu mesmo um videoclipe em um projeto com a professora de Língua e Cultura Inglesa e as turmas que compartilhávamos. A partir de uma música em inglês, exploramos os aspectos concernentes a cada disciplina de forma interligada enquanto registramos o processo finalizado em um videoclipe com a interação de alunos e professores de sala (4 Life [...], 2023). O interesse da professora de inglês era prover aos alunos vocabulário e maior aproximação com a forma correta de pronúncia e escrita das palavras e as relações básicas entre elas no idioma inglês. O meu era incentivar os alunos a uma audição consciente dos sons perceptíveis na escola, dos sons de seu próprio corpo, de como seu corpo reage ao ambiente sonoro, da associação dos sons da fala ao ritmo da música, da importância da prosódia e dos elementos fundamentais constituintes da música: melodia, harmonia e ritmo. Além destes, também os parâmetros do som: altura, timbre, intensidade e duração. O resultado me surpreendeu pela resposta que os alunos apresentaram aos estímulos e pelo envolvimento voluntário das professoras da escola.

suas aulas, quando do trabalho em grupo, de tal forma que estudantes são levados a uma participação efetiva e os desafios de um trabalho colaborativo são tratados e usados em favor do crescimento estudantil. As ações com turmas heterogêneas são tratadas pelas pesquisadoras tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O livro traz atividades práticas e mostra a contribuição que o trabalho em equipe promove no crescimento e desenvolvimento do aluno. O contexto das autoras é o norte-americano, mas percebe-se como é perfeitamente aplicável ao nosso contexto e como é possível organizar a aula para um resultado mais positivo.

¹⁶Perguntados sobre um som parecido com o de uma turbina que aparece em uma das cenas, o grupo que fez o clipe do *Amigo Fura-olho*, indicado acima, explicou a dificuldade para manter a concentração enquanto gravavam a cena em que uma das meninas aparece fazendo poses enquanto seu cabelo é atingido pelo vento produzido por um secador de cabelo.

Meu interesse sobre como aproveitar o uso das TDICs no ambiente escolar crescia à medida que esta ia se expandindo e impactando cada vez mais as relações da aprendizagem escolar.

Para conhecer melhor o uso da tecnologia na educação, entre 2015 e 2017 fiz uma especialização pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em Planejamento, Implementação e Gerenciamento de Educação a Distância (PIGEAD-LANTE UFF) e Extensão em Tutoria de EAD na mesma instituição.

Já professor de Arte na rede municipal de São Paulo, retomei a ideia de explorar formas de abordar as diferentes linguagens por meio de um processo unificador das linguagens da Arte em um só produto, tendo como norteadora a linguagem musical e toda a sua gama inspiradora. Portanto, o processo criativo proposto começava com a linguagem com a qual tenho mais intimidade, a música, e, a partir do conhecimento elementar do que a constitui como linguagem da Arte e das experimentações expressivas, buscou-se tê-la como agente integrador e gerente em um produto artístico final. Assim, o ponto de partida foi a escolha da música.

Novamente tinha turmas que eu já acompanhava nos anos anteriores. O incômodo motivador da retomada se deu pelo fato de ficar claro que os alunos têm o entendimento de que só as Artes Visuais são a expressão da Arte, a ponto de não considerarem dentro da aula outro artista que não seja das artes plásticas. Note-se que, com a popularização dos celulares, dos acessos e da multiplicação de plataformas multimídia, a maior parte dos produtos artísticos consumidos pelos alunos é da linguagem musical. Dessa feita, o projeto apontou para a singularidade de cada linguagem, enfatizando sua conexão com a linguagem musical no cotidiano e sua importância como expressão, reflexo de uma sociedade na história, fonte de prazer e de conhecimento. O projeto fez com que os grupos analisassem os aspectos peculiares a cada linguagem, pensassem no clipe como mensagem, ligassem a performance à letra da música, aos parâmetros do som como ferramenta expressiva, e fez com que alguns grupos fossem além das locações de seu bairro e se aventurassem no reconhecimento também de sua cidade, envolvendo até alguns pais no processo.

A falta sentida foi a de um melhor arcabouço teórico e metodológico a fim de que o processo lhes cause, ainda que posteriormente, maior convicção de aprendizado, satisfação do descobrimento de capacidades no uso das TDICs para além do mero entretenimento impessoal e acrítico e reconhecimento das linguagens artísticas, especialmente a Música, como inerente e vital para o desenvolvimento e relações do ser humano.

Nesse aspecto os trabalhos realizados durante o ProfArtes foram muito importantes. O contato com autores como John Dewey tratando da arte como experiência e da experiência

como uma constante no ser humano foi esclarecedor. Nas disciplinas ministradas pelo Dr. Sydney Peterson, fui lembrado de um dos pilares da luta pela arte-educação, Dra. Ana Mae Barbosa¹⁷. Seus escritos já faziam parte de minha bibliografia desde a graduação (Barbosa, 2008; Barbosa; Cunha, 2010) e a retomada de contato ampliou significativamente meu entendimento histórico e prático do ensino de arte no Brasil. Ela é, ainda hoje, a maior expressão da luta pelo ensino de artes no Brasil. Como se dedicar ao ensino das artes sem considerá-la? Pudemos conhecer, falar e ouvir pessoalmente a Dra. Ana Mae Barbosa. Nossa bibliografia estava diante de nós.

Em mim mesmo ainda residiam as cicatrizes da educação artística que recebera, em que a arte não era um conhecimento ímpar em suas idiossincrasias, mas uma serva, assessora da educação cuja função seria aumentar em mim a humanidade e me fazer valorizar aspectos importantes da vida. Importante, mas submissa à agenda pedagógica da escola, sem opinião, mesmo que sua ação revolucionária traga resultados mais do que os comumente esperados. Aprendi assim e fatalmente iria reproduzir em meu fazer pedagógico, não fosse Ana Mae Barbosa nos situar no tempo e no espaço de nossa disciplina e ação. Conhecer a realidade escolar antes de entrar nela profissionalmente foi uma necessidade ignorada, mas suprida. Sua importância só se apresentou quando dentro dela.

Para a combinação das linguagens em um produto *Artemídia*, foi importante a participação na disciplina *A-tele-iê Translacional de Salutogênese*. Experimentei uma quebra de padrões disciplinares como nunca dantes. Nela tive contato com o Prof. Dr. Pelópidas Cypriano. Em pouco tempo já estava alicerçado por seu trabalho em *artemídia* e sua pesquisa sobre o videoclipe.

¹⁷Dra. Anna Mae Barbosa é professora, arte-educadora e pesquisadora, pioneira em pós-graduação e ensino de Arte no Brasil, lutando pela valorização do ensino no decorrer da qual desenvolveu uma proposta de ensino de Artes baseada em eixos: leitura, contextualização e o fazer artístico. Essa proposta é conhecida hoje como *Abordagem Triangular*.

4 AMPLIANDO AS BASES TEÓRICAS DO PROJETO

A iniciativa de trabalhar a expressão artística fazendo uso do recurso digital em um videoclipe já vem de anos, como já aponte. Conforme os trabalhos foram acontecendo, procurei tirar proveito do que foi positivo no êxito dos alunos e corrigir, em alguns casos até eliminar, procedimentos repensando as estratégias. À medida que isso acontecia, houve a necessidade de ampliar o embasamento teórico para o projeto, não para cumprir um protocolo pedagógico, mas com o pensamento de que teria muito mais pessoas pesquisando e produzindo a respeito do assunto e essas experiências nos beneficiariam muito.

A partir da estruturação e melhor compreensão metodológica, buscamos provocar o aluno a uma compreensão da Música como uma linguagem própria e não mero entretenimento ou um simples recurso acessório de outras áreas e a utilização do smartphone (aparelho celular) como ferramenta midiática para o fazer artístico expressado em um videoclipe.

Laura Corrêa faz uma análise do videoclipe em duas vertentes, como gênero audiovisual e como processo mediador de linguagens e a segunda nos é muito útil. Tratando como um gênero audiovisual, Corrêa (2006) repete algumas vezes como o ambiente é propício a experimentações e síntese de linguagens. Tentamos nos aproveitar disto para a experiência de sintetizar, de alguma forma, as linguagens artísticas.

Nesta pesquisa usamos o conceito de videoclipe em aproximação ao entendimento de Oliveira (1992), portanto, como um meio artístico de comunicação. O trabalho de Oliveira assume ares proféticos considerando que no início da década de 1990 ele já sustentava a tese de que o videoclipe iria assumir uma distinção tal que se tornaria uma linguagem de Arte e Comunicação. Na última década do século passado o videoclipe era subestimado e não era considerado como tendo um conteúdo artístico, conforme aponta o próprio Oliveira. Assim, entendo videoclipe hoje como um cumprimento dessa profecia, que se tornou uma forma de expressão artística, evoluindo e adquirindo suas próprias complexidades na medida em que deixou de ser coadjuvante para ser uma linguagem por ela mesma.

4.1 Videoclipe como ferramenta didática

Já foi citada a vanguarda do professor Moran quanto à utilização do vídeo em sala de aula em meados dos anos 1990. Seu assunto principal não é o videoclipe, mas ainda assim ele toca diretamente no assunto ao afirmar que:

TV e vídeo encontraram a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas tanto crianças como adultas. O ritmo torna-se cada vez mais alucinante (por exemplo, nos videoclipes). A lógica da narrativa não se baseia necessariamente na causalidade, mas na contiguidade, em colocar um pedaço de imagem ou história ao lado da outra. A sua retórica conseguiu encontrar fórmulas que se adaptam perfeitamente à sensibilidade do homem contemporâneo. As narrativas usam uma linguagem concreta, plástica, de cenas curtas, com pouca informação com ritmo acelerado e contrastado, multiplicando os pontos de vista, os cenários, os personagens, os sons, as imagens, os ângulos, os efeitos. (Moran, 1995, p. 29)

Depois disso, apresenta uma proposta para o uso do vídeo começando pela forma inadequada de fazê-lo: para distrair o aluno em caso de ausência de professor, vídeo sem uma ligação direta com a matéria, usado com exagero, os que apresentam informações erradas ou a exibição pela exibição, sem um cunho didático. Neste sentido, este projeto pretende abraçar propostas positivas do uso do vídeo como as que são apresentadas por Moran: iniciar por vídeos mais simples, usar vídeos como sensibilização, como ilustração, como simulação, como conteúdo de ensino, como produção, como avaliação do aluno (processo de produção do videoclipe), como expressão (o uso do videoclipe para se fazer ouvir e ver) e o vídeo-espelho na intenção de perceber-se. Este último encontrou alta resistência dos alunos. De uma forma ou de outra dispomos destas propostas como recurso no projeto, conquanto seja possível não fazer uso de todas.

Menezes e Santos (2017) usam Moran para sua pesquisa de utilização de videoclipe como recurso em sala de aula. Em um colégio estadual, elas usaram o recurso do videoclipe como ferramenta para o letramento digital em turmas de língua estrangeira. Trata-se lá do que nos propomos cá, a produção de videoclipe por parte dos alunos como um produto disciplinar agregador de conhecimento.

Ao apontar a influência do videoclipe para o indivíduo pós-moderno, Pedro Pontes (2003) também trata dele como linguagem. Dele tomamos emprestado o que assumimos como videoclipe neste trabalho.

O que é um videoclipe? Diremos que videoclipe é um pequeno filme, um curta metragem, cuja duração está atrelada (mas não restrita) ao início e fim ao som de uma única música. Para ser considerado um videoclipe, este curta-metragem não pode ser jornalístico, não é a simples filmagem da apresentação de um ou mais músicos. Ele é a ilustração, a versão filmada, de uma canção. Há intenções artísticas em sua realização, e, quase sempre, ausência de linha narrativa. (Pontes, 2003, p. 48)

Para os fins deste trabalho, está atrelado ao início e fim do som de uma única música.

4.2 Videoclipe – Integrador das Artes por meio da Música

Naquilo que chamou de *Proposição Axiomática 3*, Oliveira (1992, p. 71) apresenta a inserção dos elementos musicais no videoclipe, destacando como dessa forma ele estabelece uma novidade para a comunicação, para a arte e para o mercado. Ao apontar elementos fundantes da música, destaca como a música fornece para o videoclipe o que a imagem não pode dar. Um pouco mais à frente, narra uma conversa com um amigo em que este afirma a diferença entre fazer cinema e fazer vídeo. Parafraseando, parece ser a mesma diferença entre fazer um vídeo e fazer um videoclipe hoje. Não se pode dizer que qualquer vídeo com música gravado para redes sociais como TikTok seja um videoclipe, embora nelas o primordial seja a música e a partir dela os movimentos e todos os aspectos plásticos, teatrais e coreográficos sejam pensados.

Com um título provocador, *Filmando Música*, Abuassi (2006) também contribui para alicerçar a tese da integração das artes por meio da música. Em seu trabalho, ela busca traduzir o próprio videoclipe em música a partir de duas peças instrumentais eruditas, uma de Franz Schubert e a outra de Arnold Schoenberg. Como neste projeto, ela faz uso de recursos tecnológicos e, como neste trabalho, também é fortemente influenciada pela obra do Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira. Talvez se possa apontar mais uma semelhança na medida em que o projeto aqui defendido pode ser entendido como uma tradução intersemiótica. Nas palavras dela:

Portanto, se houvesse uma tradução intersemiótica de música para a linguagem cinematográfica, o videoclipe resultante talvez atendesse às exigências acima consideradas. Por quê? O que é tradução intersemiótica? Júlio Plaza define o conceito citando Roman Jakobson primeiramente e, depois, faz alguns acréscimos:

“A Tradução Intersemiótica ou ‘transmutação’ foi por ele definida como sendo aquele tipo de tradução que ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais’, ou ‘de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura’, ou vice-versa, poderíamos acrescentar.”

Assim sendo, o objeto de estudo desta pesquisa se debruça sobre a atividade tradutora de signos do sistema musical para signos do sistema cinematográfico. (Abuassi, 2006, p. 13)

Seu exercício é a tradução de sons em imagens. O nosso é a tradução de uma música em imagens, dublagem, movimentos coreografados para quem se filma e para aquilo que filma a partir dos elementos musicais.

Como parte do processo, é necessária a investigação de algumas bases metodológicas sobre a utilização das TDICs para a produção de um videoclipe como produto de expressão pela

linguagem da Música, tendo como coadjuvantes as linguagens da linguagem do Teatro, da Dança e das Artes Visuais. Toma-se para isso trabalhos já feitos com a utilização do smartphone como recurso didático na sala de aula e dentre eles destaca-se a experiência de Letícia Pereira dos Santos (2020)¹⁸ que, embora trabalhe em outra disciplina, está inserida nas linguagens e traz contribuições importantes para este trabalho. Da mesma forma, o trabalho de Marley Guedes da Silva (2012)¹⁹ levanta questões não só sobre a aplicação do smartphone em sala de aula, mas promove debate sobre razões para sua proibição e um uso ético do aparelho aliado do processo de ensino e aprendizagem.

Para trabalhar a música e estimular os alunos a um mínimo de consciência dos elementos fundamentais da música, tomamos a influência de Edgar Willems que, segundo Parejo (2011), percebia a vida humana em paralelo à vida musical e via a música como um valor humano essencial a todos, inclusive àqueles que não tinham pretensão de profissionalização musical. Fonterrada (2008) aponta a atenção dada por Willems ao trato da sensibilidade auditiva, ao fenômeno sonoro. A partir de sua pedagogia em educação musical, trata dos parâmetros do som orientando uma percepção consciente e distintiva com o uso de peças musicais diversas, mormente instrumentais.

Aliado a Willems, lançamos mão do trabalho do compositor canadense Raymond Murray Schafer. Para Schaefer, o ensino de teoria da música não era prioritário, mas sim a relação equilibrada do indivíduo com o ambiente e as possibilidades do fazer musical de forma criativa. Defendia que o centro da boa educação musical está na qualidade auditiva. Em um de seus cursos, propõe o que chama de *limpeza de ouvidos*, em que trabalha ruído, silêncio, som, timbre, amplitude, melodia, textura e ritmo (Schafer, 2008). Agrada-nos também o terceiro campo em que Schafer (2008, p. 285) diz concentrar seu trabalho em educação musical: “Descobrir um nexo ou ponto de união onde todas as artes possam encontrar-se e desenvolver-se harmoniosamente”.

Já foi dito sobre a relevância de Schafer com a paisagem sonora, da qual fazemos uso quando da introdução aos alunos para uma audição atenta, para exercícios de percepção e identificação dos parâmetros do som, desta forma concordamos com a necessidade de desenvolver uma boa audição para uma educação musical eficiente. Também nos é muito útil sua defesa em favor da expressão individual, na busca da expressividade, mesmo que o

¹⁸Letícia dos Santos fez pesquisa com o uso do celular em aulas de língua portuguesa em uma escola pública em Minas Gerais. Sua pesquisa deu *corpus* para a dissertação no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia, PROFLETRAS – UFU.

¹⁹Marley Guedes da Silva também trata do uso de celular na educação em uma pesquisa para Especialização em Mídias na Educação, *Lato Sensu* da Universidade Federal do Amapá.

resultado buscado aqui seja o de um trabalho coletivo. Entretanto, cabe ressaltar que não adotamos um dos principais focos de seu trabalho, o uso da música acústica e a composição a partir do ambiente sonoro. Ao contrário disso, os recursos priorizados nesta pesquisa são eminentemente eletrônicos e digitais. Isso, a meu ver, não tira Schafer da região central do trabalho, mas é necessário pontuar que o tomamos especialmente por sua defesa de um ensino não sistemático da música em uma busca por conscientização sonora, em um fazer musical criativo, em uma aula que proporcione a experiência da improvisação e da inventividade.

Quando apresento peças como *The Typewriter*, do compositor americano Leroy Anderson²⁰, os alunos são levados a perceber o uso intencional e expressivo de um objeto comum do cotidiano assumindo protagonismo em uma orquestra nos idos de 1950. De início, fazem comparações com as referências sonoras que possuem em seu repertório pessoal, mas de forma surpreendente ainda encontrei alunos que identificaram a máquina de escrever. Depois de algum debate, eu trouxe uma máquina de escrever para a sala de aula e lhes apresentei ao vivo os três diferentes sons usados por Anderson nesta peça. Em seguida, assistem uma apresentação orquestral da peça (*The Typewriter [...]*, 2017) e depois a mesma música sendo usada pelo comediante Jerry Lewis (*Jerry [...]*, 2016) em um trecho do filme *Who's Minding the Store?* conhecido no Brasil sob o título *Errado Pra Cachorro*.

Esse é um momento interessante em que faço a ligação dos sons e da música em si com um pretendo videoclipe, onde o fenômeno sonoro recebe toda a atenção na montagem. Além disso, na aula seguinte fazemos o ponto dos sons em que os alunos têm um determinado tempo para mudos e postados estrategicamente no pátio superior, com lápis e papel, fazer uma lista dos sons percebidos no ambiente escolar.

Conquanto neste projeto haja o interesse em dar o protagonismo à música, em se tratando de uma peça multimídia, torna-se muito importante o modo como as partes se conectam em um todo chamado videoclipe. Por isso a maneira de fazer isso é muito importante.

É certo que não se trata de uma peça cinematográfica, mas o legado de Serguei Eisenstein²¹ nos atende nessa questão. Não obstante sejam feitos em menor escala, os elementos fundamentais de um filme são facilmente identificados em um videoclipe. Um exemplo disso encontramos nas superproduções de videoclipes como os de Michael Jackson, especialmente *Remember the Time* (Figura 2), que conta com a participação de astros do cinema, do esporte e

²⁰Essa é geralmente a primeira obra apresentada das que constam no repertório trabalhado quando os alunos ainda estão no 8º ano. Os alunos demonstraram muita curiosidade por descobrir como de fato era essa fonte sonora. Quando puderam ter contato com ela, muitos quiseram acompanhar a música digitando na minha velha Olivetti.

²¹Nos valem especialmente dos tratados em *A forma do filme* e em *O Sentido do Filme*, ambos publicados no Brasil pela Jorge Zahar Editor.

outras celebridades. O clipe/curta-metragem foi dirigido por John Singleton (Michael [...], 2009). Segundo ele, Jackson não quis simplesmente mostrar pessoas negras, mas pessoas muito bonitas.

Figura 2 – Michael Jackson, Eddie Murphy e Iman no clipe de *Remember the Time*



Fonte: Arquivo [...] (2023)

Eisenstein está claramente presente na forma como o clipe foi montado na medida em que a edição é feita com as cenas sendo justapostas de forma a criar significados tanto emocionais quanto intelectuais. A montagem é intelectual e não é utilizada de forma aleatória nos trabalhos de Jackson. Em videoclipes como *Thriller* e *Smooth Criminal*, vemos essa montagem de Eisenstein sendo empregada na técnica de criar narrativas visuais vigorosas. As composições dinâmicas criam impacto emocional, há um uso marcante de luz e sombra, os ângulos de câmera são dramáticos e as composições são visualmente fortes. Nem mesmo a representação física e a coreografia expressiva escapam à influência do russo, dada a forma como Jackson integra a dança à narrativa visual. O clipe/curta-metragem foi dirigido por John Singleton (Arquivo [...], 2023)²².

O revolucionário cineasta soviético da pós-revolução Russa foi o grande nome do cinema nos anos 1920 implementando a sua dialética²³ na técnica de montagem. É ele quem

²²Há uma interessante entrevista dele sobre o videoclipe disponível em: [https://mjbeats.com.br/2023/10/arquivo-historico-remember-the-time-quando-negros-eram-reis-e-rainhas-jet-fevereiro-1992/#:~:text=Reminiscente%20de%20um%20dos%20antigos,dos%20maiores%20impérios%20da%20civilização](https://mjbeats.com.br/2023/10/arquivo-historico-remember-the-time-quando-negros-eram-reis-e-rainhas-jet-fevereiro-1992/#:~:text=Reminiscente%20de%20um%20dos%20antigos,dos%20maiores%20impérios%20da%20civilização.). Acesso em: 14 mar. 2024.

²³Dialética em Eisenstein é o uso de duas sequências alternando o plano entre elas daí emergindo um novo significado não explícito a ser interpretado pelo espectador.

atravessa a fronteira da linearidade na montagem do filme (no nosso caso perfeitamente aplicável ao videoclipe) e mostra como é possível ter controle intelectual para conduzir as emoções de seus espectadores.

Não teorizamos diretamente nos termos dele durante as aulas no desenrolar do projeto, mas os conceitos de montagem de Eisenstein estão lá. Algumas outras fontes, como tutoriais apresentados para os alunos ou por eles, trazem a reconhecível influência dos trabalhos de Eisenstein ainda que seja bem provável que a maioria ignore completamente isto.

Em *A Forma do Filme* ele argumenta sobre a harmonia das partes de um filme tornada possível pela montagem, usando estruturas do universo da música.

O músico usa uma escala de sons; o pintor, uma escala de tons; o escritor, uma lista de sons e palavras – e estes são todos tirados, em grau semelhante, da natureza. Mas o imutável fragmento da realidade factual, nesses casos, é mais estreito e mais neutro no significado e, em consequência, mais flexível à combinação. De modo que, quando colocados juntos, os fragmentos perdem todos os sinais visíveis da combinação, aparecendo como uma unidade orgânica. Um acorde – ou mesmo três notas sucessivas – parece uma unidade orgânica. Por que deveria a combinação de três pedaços de filme, na montagem, ser considerada uma colisão tripla, impulsos de três imagens sucessivas? (Eisenstein, 2002, p. 16)

Eisenstein apresenta cinco formas de montagem a que ele chama de categorias formais:

1. Montagem Métrica – é a forma mais simples de montagem. Preocupa-se com a duração dos planos para gerar uma certa cadência.
2. Montagem Rítmica – nesta o importante é a dimensão da imagem para além do ritmo. O conteúdo da imagem também é valorizado.
3. Montagem Tonal – anseia por um sentimento, além do ritmo. Tom específico que conecta duas imagens, dois planos.
4. Montagem Atonal – adiciona ao contexto de uma cena tonal um outro tom.
5. Montagem Intelectual – justaposição de planos, duas cenas distintas que expressam uma ou mais ideias. É o método absoluto de montagem.

5 PROJETO VIDEOCLÍPE E MULTIMÍDIA: PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO NA ESCOLA

Na rede municipal de São Paulo são oferecidas, para os alunos do Ensino Fundamental II, duas aulas semanais de Arte com duração de 45 minutos. A pretensão é que o projeto se desenvolva em vinte aulas.

No decorrer do projeto, tento exercitar com os alunos uma primeira aula para tratamento teórico e a segunda aula da semana dedicamos a atividades práticas, o que inclui exercícios de audiovisual pelo ambiente da escola e atendimento por equipe para acompanhar o processo de produção dos vídeos em cada uma. As turmas têm, em média, 36 alunos matriculados e por isso divido a turma em até seis equipes com seis alunos, na maioria das vezes, fazendo adequações quando necessário.

Está claro que a rede não tem nenhum interesse formal no ensino das linguagens artísticas com o viés técnico. Desta forma, as aulas de teatro não visam formar atores, as aulas de dança não pretendem concluir seu curso com a certificação de dançarinos, da mesma forma que as aulas de Artes Plásticas não formarão pintores e as de música não se dedicam ao ensino de instrumentos musicais.

As turmas preparadas para o projeto foram as três turmas de 9º ano da escola, divididas em 9A, 9B e 9C. A escola trabalha com sala-ambiente. Para favorecer a dinâmica do projeto e a utilização da sala de Artes, dividida com outros professores, solicitei que as aulas destas turmas fossem colocadas no horário uma em seguida da outra.

As aulas foram basicamente estruturadas como segue:

Aula 1	
Tema	Retomada – Revisão dos Aspectos da Música
Objetivo	- Revisar e atualizar possíveis alunos quanto à experiência no 8º ano
Desenvolvimento	- Pergunta para gerar o debate - Qual a matéria-prima da música? - Audição de algumas músicas do ano anterior - Identificação dos parâmetros do som e outros aspectos formativos da música.
Aula 2	
Tema	Apresentação do Projeto
Objetivo	- Revisitar o processo das videodança e das interseções das linguagens artísticas.
Desenvolvimento	- Apresentação geral do projeto - Preparação para assistir ao filme – razões da escolha desse filme. - Escrita do relatório que irá acompanhar o filme.
Aula 3	
Tema	Filme: <i>Step Up Revolution</i>

Objetivo	- Identificar no filme o uso das outras linguagens artísticas ligadas à música na produção de um clipe para o YouTube.
Desenvolvimento	- Assistir ao filme respondendo às questões levantadas no relatório.
Aula 4	
Tema	Apontamentos iniciais da relação do filme com o projeto
Objetivo	- Perceber a possibilidade do uso do videoclipe como intervenção social
Desenvolvimento	- Assistir ao filme respondendo às questões levantadas no relatório.
Aula 5	
Tema	Debate sobre o filme e Divisão de Grupos
Objetivo	- Apresentar e debater os relatórios do filme assistido - Associar-se a outros colegas em um grupo de trabalho
Desenvolvimento	- Debate mediado sobre o filme fazendo associações possíveis com o contexto da escola e possibilidade de ações com o uso das artes especialmente videoclipe. - Formar equipes de trabalho por afinidade.
Aula 6	
Tema	O que é um Videoclipe
Objetivo	- Reconhecer o formato de videoclipe e os tipos mais comuns - Capturar cenas estáticas pela escola.
Desenvolvimento	- Serão apresentados aos tipos mais comuns de vídeos, a estrutura básica de um videoclipe e a forma como tudo gira em torno da música. - Exercício de captura de imagens pela escola.
Aula 7	
Tema	Escolha inicial da música
Objetivo	- Escolher possíveis músicas a serem trabalhadas no videoclipe - Reconhecer aspectos expressivos a partir de aspectos fundamentais da música.
Desenvolvimento	- Os grupos sugerem três músicas como possibilidade de trabalho manifestando as razões da escolha a partir dos critérios que têm sido trabalhados. São ouvidas e debatidas com o professor.
Aula 8	
Tema	Letra da Música (se for o caso)
Objetivo	- Perceber a relação da letra com o que aparece no vídeo
Desenvolvimento	- Exercício – porque a letra importa
Aula 9	
Tema	Roteiro
Objetivo	- Entender a importância de planejar
Desenvolvimento	- O que é um roteiro, tipos mais comuns para um clipe, qual sua importância e como fazer.
Aula 10	
Tema	- Escrita inicial do Roteiro
Objetivo	- Escrever o roteiro do clipe da equipe
Desenvolvimento	- Escolher um modelo de roteiro e roteirizar o videoclipe da música definida pelo grupo.
Aula 11	
Tema	- Funções na equipe
Objetivo	- Reconhecer as tarefas em uma produção e a divisão delas na equipe.
Desenvolvimento	- A partir do roteiro, detalhar as funções o que cada um dos componentes da equipe fará, dividindo as funções para a execução do trabalho

Aula 12	
Tema	- Divisão de Tarefas - Exercício de captura de vídeos
Objetivo	- Assumir tarefas na produção do videoclipe
Desenvolvimento	- Dividir tarefas nos grupos pré-definindo o que cada um fará. - Capturar de forma criativa um pequeno vídeo editado de 10 segundos.
Aula 13	
Tema	- Captura de Vídeo
Objetivo	- Exercitar técnicas de captura de vídeo
Desenvolvimento	- São apresentados fundamentos para uma melhor captura de vídeo comparando com a forma como captaram imagens em aula anterior. Em seguida fazem um exercício prático na área da escola.
Aula 14	
Tema	Plano de Gravação
Objetivo	Criar ou apresentar um plano de gravação
Desenvolvimento	- As equipes apresentarão em detalhes um plano de gravação do clipe
Aula 15	
Tema	Edição – montagem
Objetivo	- Conhecer os principais aplicativos gratuitos de edição de vídeos
Desenvolvimento	- Os principais aplicativos gratuitos de edição de vídeos no celular
Aula 16	
Tema	Edição e montagem
Objetivo	- Conhecer os principais softwares gratuitos para edição de vídeos
Desenvolvimento	- Principais softwares gratuitos de edição de vídeos para PC
Aula 17	
Tema	Revisão do Processo
Objetivo	- Avaliar o processo de produção do videoclipe
Desenvolvimento	- Roda de conversa com avaliação por grupo do processo de produção do videoclipe
Aula 18	
Tema	Apresentação dos videoclipes
Objetivo	- Apreciar o próprio trabalho e o dos colegas
Desenvolvimento	- As equipes apresentam, cada uma, seu trabalho, falam do processo e respondem a possíveis perguntas.
Aula 19	
Tema	Preparação para a exposição
Objetivo	- Preparar o ambiente escolar para exposição
Desenvolvimento	- Expor os vídeos para os colegas das outras turmas de 9º ano e preparar para a exposição no pátio.
Aula 20	
Tema	Exposição
Objetivo	- Apresentar os trabalhos prontos para a comunidade escolar.
Desenvolvimento	- Em consonância com a gestão, usam-se os equipamentos do pátio inferior e superior para a apresentação dos videoclipes à escola em um pequeno festival multimídia.

Essas turmas do último ano do Ciclo Autoral têm uma atividade de pesquisa coletiva chamada Trabalho Colaborativo de Autoria (TCA)²⁴, que demanda tempo envolvendo etapas que iniciam com a escolha de um tema, sucedido de pesquisa de campo, intervenção social, elaboração de parte escrita e apresentação verbal à comunidade escolar. Esse trabalho consome boa parte do ano letivo em paralelo com as disciplinas. Em razão disto, achei por bem iniciar uma preparação ao projeto propriamente dito com os alunos ainda no 8º ano em um estudo sobre a hibridização da linguagem do audiovisual com a da dança, a videodança, feito como um exercício mais técnico na utilização dos smartphones e aplicativos de tratamento de imagem, áudio e vídeo. Eis o motivo por que podemos considerar que o projeto tem uma parte antecedente de ambientação introduzida no semestre do ano anterior.

A maior parte dos alunos da rede municipal tem contato curricular em Artes apenas com a linguagem das Artes Plásticas, mormente porque essa é a formação da maioria dos professores de Arte da rede. No semestre que antecede o progresso dos alunos, ou da maioria deles ao 9º ano, desenvolvemos uma fase preparatória para o trabalho direto com o videoclipe. A fase está dividida em dois movimentos: o primeiro tratando da música e o segundo de videoarte com a produção de uma videodança em equipes. Essas equipes se mantiveram praticamente as mesmas no ano seguinte na produção dos videoclipes.

As aulas na rede municipal são planejadas especialmente observando o Currículo da Cidade onde são apresentados os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento (OAD). No 8º ano, ciclo autoral exploramos os OAD de acordo com o Plano de Aula (apresentado no Apêndice A).

Os participantes foram expostos a artes híbridas em que o sincretismo entre a dança e o audiovisual lhes oportuniza compreender melhor os elementos da linguagem do audiovisual (enquadramentos, movimentos de câmera, ângulos, edição etc.). Também puderam ter um envolvimento inicial com os diversos papéis e etapas na produção audiovisual: pré-produção, produção e pós-produção, roteiro, operação de câmera, direção, cenografia, figurino etc. Com a possibilidade de trabalharem em temas livres, tiveram a oportunidade de expressarem os temas próximos às suas realidades e, a partir disso, fazer escolhas significativas para suas criações poéticas.

Por meio da exposição a outras formas de expressão e criação, puderam fazer uso da tecnologia com a qual convivem diariamente (especialmente no uso de smartphone e

²⁴Sobre o TCA, as informações da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo são atualizadas e ficam disponíveis em <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ensino-fundamental/trabalho-colaborativo-de-autoria/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

computador) como ferramenta para exercitar-se em processos criativos, trabalhando a articulação de seus temas com os movimentos e gestos da câmera e da dança.

Sabendo que para os alunos o que há de mais próximo relativo ao trabalho como vídeos e fotos se encontra nos pequenos vídeos das redes sociais, pensamos abrir uma porta para uma leitura mais aprofundada sobre o audiovisual e, mais particularmente, a videodança enquanto produção artística, suas linguagens e discursos, oportunizando as ferramentas, técnicas e repertório para as suas criações. A combinação das linguagens permitiu trabalhar o espaço, o tempo e o movimento de maneira singular, fazendo com que a possível dança seja potencializada pelo olhar da câmera, seus enquadramentos, ângulos e montagem. E é dentro desse processo, gradual, que os participantes podem se apropriar dos conhecimentos e experiências que trarão maior autonomia para as suas criações poéticas, podendo fazer escolhas conscientes para se expressarem artisticamente.

Esperou-se com isso expandir as possibilidades de reflexão e articulação com as linguagens da arte, especialmente por utilizar a tecnologia e ressignificar seu papel na sala de aula (de obstáculo do aprendizado a ferramenta de criação).

5.1 Música

Em Música alcançamos uma sensibilização razoável da expressão com algum entendimento dos parâmetros do som e do uso expressivo deles em uma composição.

As aulas com a linguagem musical são divididas em três partes:

1) Sensibilização e Percepção – Silêncio, audição consciente e atenta. Identificação de parâmetros musicais e seus usos expressivos. Os alunos são incentivados a ouvir em silêncio a música apresentada. Talvez seja o maior desafio entre eles: audição atenta. Para favorecer esse exercício, preenchem uma pequena ficha como no exemplo abaixo:

Ficha Musical

-Nome da Música: *The Typewriter*²⁵

-Nome do Autor: *Leroy Anderson*

-Nome do Intérprete: Orquestra Filarmônica de Minas Gerais²⁶

-Fontes sonoras-_____

²⁵Neste exemplo, o título é colocado em inglês ou no idioma pátrio apenas para dificultar a identificação da principal fonte sonora na peça. Logo depois de feita a identificação das fontes eu escrevo o nome em português. Em outros casos aplicamos justificativas semelhantes visando um melhor exercício.

²⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAi7cSVKXfI>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Nesta última, considerando que nem todos sabem o nome de todos os instrumentos musicais formais e podem não identificar todas as fontes sonoras na peça apresentada, os alunos podem descrever ou desenhar como acham que seja essa fonte sonora. Em peças em que haja muitas fontes sonoras parecidas ou um número grande de fontes sonoras, privilegiam-se as mais expressivas na peça apreciada. Em alguns momentos eles pedem para ouvir mais de uma vez.

2) Exposição e Teorização – Após ouvirem, em geral são perguntados sobre o que acharam da música e incentivados a responderem com sinceridade. Há sempre a possibilidade de se ouvir respostas desagradáveis e até absurdas, mas são consideradas com tolerância e alguns questionamentos sem julgamentos. O objetivo é gerar um ambiente de confiança em que possam ter sua fala considerada e aprendam a se posicionar. Feito isto, são perguntados sobre o que identificaram e fazemos uma lista na lousa. Na sequência, a música é colocada mais uma vez, mas dessa feita com imagens em vídeo. Não raro eles mostram surpresa com as fontes sonoras. São feitas tratativas sobre aspectos distintos de determinado parâmetro a depender da música e de como esse parâmetro ou aspecto musical é enfatizado nela. São apresentados, quando oportuno, alguns fundamentos teóricos da música.

3) Exercício prático – Nesse momento trabalha-se um exercício ligado ao aspecto percebido ou enfatizado na música ou outro de cunho geral na música. Neste exemplo os alunos ficam de pé e devem responder com um pequeno pulo (quase um soluço) ao toque da campainha da máquina de escrever junto com a reprodução a cada vez que ela tocar. A partir daí trabalhamos algumas células rítmicas básicas e podemos introduzir alguma escrita informal de ritmo executando em conjunto. O destaque é para a importância do aspecto musical, neste caso o ritmo, o fenômeno mais do que as formalidades em torno dele.

O repertório separado para os encontros consta no Apêndice A.

Esse repertório tem crescido com o passar dos anos e é pensado com a antecedência que a aula exige, mas nunca pensei na obrigação de usá-lo todo ou em sequência. Ele responde a variáveis como o interesse de determinada sala sobre determinada questão, participação em projetos de colegas em outras áreas do conhecimento, sugestões de repertório trazido pelos alunos que contemplam o aspecto musical que estiver sendo trabalhado, entre outras coisas.

As músicas têm sido escolhidas com o objetivo de iniciar tratando do fenômeno sonoro em uma composição, levantando questões da produção do som à produção de ondas sonoras. Usamos a música para chamar a atenção a alguma(s) propriedade(s) do som (timbre, altura, intensidade, duração), sua relação com a música formalmente constituída, sua representação gráfica, a forma em música, as sonoplastias, a grafia musical (do informal para o formal em alguns agrupamentos), a voz e o canto e instrumentos musicais formais e não formais. Procuro

pensar com os alunos em música sem a tradicional divisão entre o erudito e o popular como se um se superpusesse ao outro, mas como um fenômeno artístico expressivo inerente ao ser humano em suas diversas formas e culturas.

5.2 Videodança

Embora a rede municipal de São Paulo enfatize a abrangência da Arte, entende também que esta pode ser pensada e olhada pela proposta de campos²⁷. Essa prática de campos desde o início se pretende mobilizadora dos chamados Campos Conceituais: Linguagens Artísticas, Experiência Artística e Estésica, Processos de Criação e Saberes e Fazeres Culturais. No trabalho com videodança exercita-se com muito mais vigor esses campos conceituais.

Com a Videodança, estabeleceram um contato mais formal e intencional com a linguagem do audiovisual e seus aspectos técnicos para que não lhe seja proposto um trabalho multimídia em que ignorem a formalidade do que alguns já fazem como conteúdo para suas redes sociais.

O Plano de Aula com a sequência didática proposta consta no Apêndice B.

5.3 Desenvolvimento do projeto

- *Apresentação do projeto*

Na Aula 1 fazemos um memorial, uma linha do tempo, avaliando onde estávamos, o caminho percorrido e onde estamos. Organiza-se uma revisão ao que há de mais característico em cada uma das linguagens artísticas (Música, Artes Visuais, Dança e Teatro) que fazem parte do currículo da Secretaria Municipal de Educação (SME). Importante lembrar que, mesmo não sendo nesse momento, outro aspecto a ser revisitado é o que diz respeito à técnica da produção de um videoclipe, dessa feita com um pouco mais de aprofundamento e uma revisão nos aplicativos de edição de imagem e vídeo, especialmente os gratuitos.

O projeto é apresentado logo após a revisão das linguagens artísticas, mostrando onde estamos e onde queremos chegar.

²⁷Esta proposta de “campos”, conforme o próprio *Currículo da Cidade*, toma como referência a Helena Katz, reconhecida na academia especialmente por seus escritos sobre dança. Katz propõe o corpo como um estado de informação efêmero, inconstante que se desloca em uma contínua plasticidade, ainda que seja o mesmo corpo. Assim é apreciado o componente curricular *Arte*, onde os muitos campos se avizinham e se relacionam, mas não são estanques.

As turmas são divididas em grupos (Figura 3) e os trabalhos se dão durante as duas aulas semanais (Aulas 1 e 2) divididas basicamente em duas partes: uma aula para a explanação de assunto comum do projeto e a segunda, às vezes parte dela quando for o caso, para o acompanhamento de cada grupo nas atividades geradas pelo que for tratado na Aula 1 e/ou as cumulativas aplicações práticas na produção do videoclipe.

Figura 3 – Alunos do 9º A no dia da divisão de equipes



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Divisão das aulas:

PARTE 1	PARTE 2
1. Memorial e Apresentação do Projeto - Início da apresentação do filme	2. Continuação da apresentação filme.
3. Conclusão da Apresentação do filme - Recebimento do relatório	4. Divisão dos Grupos - Tipos de vídeos
5. Estrutura Básica de vídeo - Exemplos e considerações sobre	6. Sugestão de três músicas - Por que a letra importa
7. Aspectos Musicais – uso do som como recurso expressivo (Schaefer)	8. Análise da letra escolhida por grupo
9. Como fazer um roteiro	10. Escrita do Roteiro
11. Funções na produção	12. Divisão de funções
13. Processo de Gravação	14. Plano de gravação
15. Processo de Edição e montagem (Eisenstein)	16. Edição e Montagem (Eisenstein)
17. Revisão	18. Apresentação à turma
19. Autoavaliação	20. Exposição

À guisa de provocação, é exibido um filme em que são feitas intervenções apontando os aspectos que se relacionam com a execução do projeto, tais como: necessidade de planejamento,

ação com intencionalidade, movimento de câmera, iluminação, enquadramento e ângulos, sincronia, coreografia, divisão de tarefas, necessidade de ensaios, envolvimento emocional, revisão de ações, expressão, protesto, mobilização social, entre outros.

O filme foi escolhido por apresentar elementos que potencialmente podem provocar empatia com os alunos. Esses elementos são destacados nas intervenções feitas no decorrer do filme. A pretensa conexão dos participantes com o filme se dá por se tratar de um grupo de jovens que moram na periferia de Miami, mas trabalham nas regiões centrais e parte deles em um hotel de luxo na praia mais badalada da cidade. Esse grupo organiza flash mobs impactantes com música, performance, efeitos e dança, filma, editam e colocam em seu canal no YouTube na tentativa de alavancar visualizações e ganhar o concurso com vistas a fazer da premiação um motor para a carreira deles. Os planos são obrigados a mudar quando têm que usar a sua arte como grito de protesto para defender o bairro deles que será vendido para ampliar os negócios do dono do hotel em que parte deles trabalha.

Durante a exibição do filme, que é visto em pouco mais de duas aulas, são feitos apontamentos estratégicos com a finalidade de que os alunos comecem a se familiarizar não só com os aspectos técnicos de uma filmagem, como também serem lembrados de que a Arte é uma linguagem e, portanto, é usada para comunicar algo preferencialmente de forma intencional.

Quando se trata da exibição de um filme, há em muitos casos a apreciação como um mero entretenimento, um fim em si mesmo. A estratégia para mudar essa perspectiva é proporcionar o que John Dewey chama de *experiência educativa*. As intervenções visam provocar uma nova forma de receber o estímulo para que vejam o aprendizado proporcionado na escola ligado à sua vida fora do contexto escolar, levados assim a uma ampliação do conhecimento fruto de uma reflexão.

Dewey estabelece dois sentidos para que a experiência educativa aconteça: a continuidade e a interação. Continuidade “significa que toda experiência tanto toma algo das experiências passadas quanto modifica de algum modo a qualidade das experiências que virão” (Dewey, 2011, p. 36). Ele entende que o processo educacional, uma vez iniciado não termina mais. Na interação, ou comunicação, Dewey diz da necessidade de comunicar essa experiência, expressando-a socialmente e, portanto, ela precisa ser compartilhada. No objetivo de compartilhamento, da exibição futura da produção, há alguma resistência. Ainda que os juvenis sejam pródigos nas publicações em redes sociais, no que diz respeito à exibição de trabalhos na escola enfrenta-se resistência.

Desta forma, além das intervenções pontuais durante a exibição do filme, os participantes devem preencher concomitantemente um relatório sobre o filme e entregar quando da finalização da exibição deste. O relatório é apresentado da seguinte forma:

Análise de filme:

Filme: *Step Up Revolution* (Ela Dança, Eu Danço 4). 106 minutos.

Questões:

- 1 - Qual o tema do filme? Qual a mensagem que o filme te transmitiu?
- 2 - Descreva o uso da COR ou das cores em pelo menos um dos flash mobs, considerando a mensagem que o grupo queria apresentar à sua audiência.
- 3 - Sobre o FIGURINO, o tipo de roupa influencia na mensagem que queriam deixar? Como?
- 4 - Analise o uso da MÚSICA no filme. Ela conseguiu criar um clima correto para as partes da história? Explique.
- 5 - Qual a finalidade da DANÇA para a trama apresentada no filme?
- 6 - Você identificou alguma cena em que percebeu uma relação próxima com sua realidade?
- 7 - Escreva uma síntese da história contada pelo filme?
- 8 - Como a integração das linguagens artísticas (teatro, dança, artes plásticas, MÚSICA) foram usadas para dar voz a uma necessidade social periférica? Como isso se relaciona a nós?

Sinopse:

Step up Revolution (Ela Dança, Eu Danço 4)²⁸ – 2012 – o filme mistura drama e musical e apresenta um grupo de dança de Miami que organiza flash mobs na cidade para filmar e alimentar seu canal no Youtube. O objetivo é colecionar o maior número de visualizações para ganhar um concurso. A filha de um rico empresário que sonha em ser bailarina se envolve com um dos líderes do grupo. Seu pai ameaça destruir o bairro histórico onde o grupo mora para dar lugar a um grande empreendimento. Ela então se alia ao grupo e os incentiva a transformar sua arte em um protesto, colocando em risco suas pretensões de sucesso em favor do bem da comunidade.

Relatório sobre o filme:

Como já dito, o relatório é uma das formas de manter a atenção ao filme para a utilização de sua exibição como um provocador para o projeto.

²⁸Com Scott Speer na direção, o filme é estrelado por Ryan Guzman, contando também no elenco com Kathryn McCormick, Misha Gabriel, Peter Gallagher, e Adam G. Sevani

- Reapresentação do projeto:

Aula 4 – Divisão de Grupos e Tipos de Videoclipe

A classe é dividida em grupos de 5 ou 6 alunos (Figura 4), feitas as adequações de acordo com o número em cada sala. A primeira tentativa é a de que eles se agrupem de acordo com seus próprios interesses. Alguns ajustes podem ser necessários por conta do número de alunos em determinadas turmas.

Figura 4 – Divisão de alunos em grupos



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Para repertoriar os participantes aumentando as possibilidades de criação, são apresentados ao vídeo que mostra *11 Tipos de Clipes Mais Usados por Artistas! - Lista de videoclipes* (https://www.youtube.com/watch?v=uN_3-976ILE). Apresenta-se a diversidade de possibilidades para a produção do clipe.

Aula 5 – Fundamentada no trabalho do curso Bacharelado em Comunicação Social da UFPE (pequeno manual de produção de um videoclipe). Os alunos são levados a compreender como um videoclipe está estruturado. Um segundo movimento nesta aula é a saída dos alunos pela escola para um exercício de captura e edição de imagens com o celular (Figura 5).

Figura 5 – Alunos em exercício de captura de imagem



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Aula 6 – Os grupos sugerem três músicas para que uma delas seja debatida com o professor para ser a música definitiva do grupo, que deve deixar clara a razão de sua escolha.

Aula 7 – Uma pequena revisão sobre os parâmetros do som e o uso de músicas (instrumentais e vocais) na forma como são usadas no cinema para expressar diversos afetos e para criar um ambiente para o discurso das outras linguagens. O valor da organização sonora intencional é apresentado a partir da exibição de alguns trechos de vídeos e filme com e sem a sonoplastia e/ou música.

Aula 8 - Atividade – *Por que a letra importa*²⁹? Provocações feitas a partir da música da banda *Pearl Jam*. Diante da apresentação do clipe, os participantes devem responder às mesmas perguntas duas vezes e comparar as respostas que deram. O objetivo é mostrar o quanto devem ter estreita a relação entre as linguagens artísticas para que a mensagem do clipe chegue com a maior clareza possível ao seu destinatário. Neste exercício procura-se apontar a importância da letra (ou da legenda) nessa apresentação multimídia. O clipe é apresentado primeiro sem legenda e os participantes são provocados por três perguntas. Depois de responderem, apreciam novamente o mesmo clipe, desta feita com legendas.

Sem Legenda:

- Assista atentamente ao videoclipe. Observe a relação entre as imagens e a música e depois disso dê sua opinião:

²⁹Esta aula não abordava esse assunto inicialmente, mas foi inserida por conta das ações desenvolvidas pela rede municipal e consequentemente pela escola diante do ambiente de pânico que se instalou no país e especialmente em nossa cidade após ataques a escolas, na maioria públicas. Algumas das notícias estão disponíveis em <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/escola-sao-paulo-alunos-professores-esfaqueados-nprm/>, também em <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/ataque-escola-monte-mor-sao-paulo-suastica-nprm/> e <https://noticias.r7.com/cidades/escolas-temem-que-onda-de-violencia-e-ataques-que-marcou-2022-continue-no-proximo-ano-02012023>. Acesso em: 22 dez. 2023.

1- Sobre o que fala o videoclipe?

2- Se fosse escrever uma história a partir do que viu no videoclipe, qual seria? Faça uma sinopse abaixo.

3- O vídeo passa alguma mensagem? Qual?

Com Legenda:

Agora que já assistiu ao videoclipe vamos assistir novamente, desta vez com legenda.

Responda novamente às seguintes perguntas:

1- Sobre o que fala o videoclipe?

2- Se fosse escrever uma história a partir do que viu no videoclipe, qual seria? Faça uma sinopse abaixo.

3- O vídeo passa alguma mensagem? Qual?

- Pearl Jam – Jeremy (<https://www.youtube.com/watch?v=MS91knuzoOA>) sem legenda

- Pearl Jam – Jeremy (<https://www.youtube.com/watch?v=WF4DwoY6nSQ>) com legenda

A música foi escolhida por causa das medidas adotadas pela escola diante do ocorrido em abril de 2023 e o aumento de ameaças de chacina em escolas.

A música é baseada na histórica tragédia de Jeremy Wade Delle, que se matou na sala de aula após sucumbir ao bullying e ao abandono que sofria.

Após esse exercício, são propostas questões para um debate e um aluno de cada grupo será o porta-voz do grupo na análise da letra da música que o grupo escolheu:

- Em resumo, o que diz a música que seu grupo escolheu?

- Que tipo de mensagem vocês desejam transmitir com a música, a letra, os gestos e imagens e tudo o que puserem na tela no videoclipe escolhido pelo grupo?

Aula 9 – Como fazer um Roteiro – apresentação da estrutura de um roteiro para a filmagem: o que é um roteiro – porque ele é importante para a produção – tipos de roteiros - exemplos de roteiros.

Aula 10 – Escrita de roteiro do videoclipe – divididos nas equipes, escrever um roteiro imaginando o seu videoclipe acontecendo (Figura 6).

Figura 6 – Alunos debatendo os roteiros nos grupos



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Aula 11 – Tarefas em uma Produção – quais são as funções desempenhadas na produção de um videoclipe.

A produção de um vídeo, de qualquer tipo, é dividida em 3 etapas: pré-produção, produção e pós-produção.

A *pré-produção* acontece nos bastidores de um filme ou vídeo. Ela antecede a gravação e é importante para que todos entendam e participem do que será feito em todas as etapas. Diz respeito ao planejamento do videoclipe, procurando antecipar tudo o que vai ser necessário para a execução do projeto: levantamento do material necessário, possíveis locais para gravação, roteiro, figurino, maquiagem e tudo o que perceberem como necessário (Figura 7).

Figura 7 – Equipe analisando o espaço da escola como locação para filmagem



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Devem ser levados a entender que uma boa preparação economiza tempo, minimiza gastos e evita problemas. A preparação, neste caso, envolveu, por exemplo, ensaios de coreografia com música (Figura 8).

Figura 8 – Ensaio de coreografia com música na quadra da escola



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

A segunda etapa, a *produção* propriamente dita, é a execução do projeto. Ela é a captação de imagem e som (Figura 9).

Figura 9 – Equipe de alunos em teste de filmagem



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Quanto mais bem estruturada ela for, mais tranquila será a gravação (Figura 10).

Figura 10 - Ensaio para gravação



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

As cenas pensadas no roteiro são colocadas em prática e filmadas pelos equipamentos previamente selecionados. Os alunos são lembrados de que as cenas não precisam ser gravadas na ordem do roteiro, pois podem ser ordenadas na edição.

Pós-produção – é o processo de montagem e finalização do vídeo. Implica principalmente na: edição de vídeo, correção de cor, acréscimo de elementos gráficos, animação e tratamento do som. São apresentados aplicativos e softwares que auxiliam nisso e lembrados da importância da edição e finalização do vídeo como cruciais para manter a atenção do espectador e estabelecer a comunicação com sua mensagem.

Aula 12 – Divisão de tarefas dentro do grupo para a produção do clipe. Responder partir do exposto na aula anterior as questões para debate:

- 1- Quais são as três etapas para a produção de um vídeo de qualquer tipo?
- 2- Quando a pré-produção é feita, qual a importância dela e o que é feito nessa etapa?
- 3- O que é a produção, propriamente dita?
- 4- O que pode ser feito para agilizar a produção?
- 5- O que é a pós-produção?
- 6- Quais são os principais passos a serem dados nesse momento?

Nesta etapa é feita a captura de imagens como exercício prático para a produção de um vídeo criativo (Figura 11).

Figura 11 – Exercício prático de vídeo criativo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Aula 13 – Processo de Gravação – O que considerar quando da gravação das cenas.

Aula 14 – Plano de gravação – Acompanhamento por equipe do processo de gravação.

Aula 15 – Edição de vídeo – Principais aplicativos e softwares gratuitos para edição de vídeo.

Aula 16 – Atividade de edição de vídeo pelas equipes. Acompanhamento do processo de edição dos vídeos.

Aula 17 – Revisão do processo.

Aula 18 – Apresentação de videoclipe dos colegas à turma (Figura 12).

Figura 12 – Exibição dos videocliques no pátio em horário de intervalo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Aula 19 – Autoavaliação – Compartilhamento sobre o processo, erros e acertos, dificuldades e facilidades e reflexão sobre a importância do que foi feito para sua formação.

Aula 20 – Preparação para a exposição dos trabalhos à comunidade escolar durante os intervalos no pátio da escola, fazendo uso do projetor ali instalado.

Avaliação

Acompanha toda a progressão do projeto à medida que os envolvidos são colocados em situações de aprendizagem. Observando a forma como respondem às provocações, recebem os estímulos e fazem registros no caderno de arte, vão dando condições para as adequações que se fizerem necessárias. Embora a avaliação seja individual, o trabalho é coletivo e nessa interação com seu grupo e com as outras equipes vão servindo de base para diagnosticar os avanços e as dificuldades.

Um videoclipe consegue reunir os aspectos mais marcantes de cada uma das linguagens artísticas. Nele é necessário pensar em um cenário, combinar com um figurino, comunicar e combinar.

6 CONCLUSÃO

É bem verdade que o projeto teve duração de quatro bimestres, mas por conta de uma adequação à dinâmica escolar ele se iniciou nos dois últimos bimestres do 8º ano e encerrou-se nos dois primeiros do 9º ano. O resultado acaba se configurando em um letramento digital com um produto em linguagem multimodal nas Artes.

Ao final do projeto fazemos uma semana de exibição dos resultados no telão do pátio da escola nos intervalos. Após uma resistência inicial, eles passam a apreciar uns aos outros e a respeitarem o trabalho dos colegas. Penso que a participação no processo os coloque em uma situação promotora de empatia. Outro aspecto recompensador é ouvir, muitas vezes dos que foram mais resistentes no início, o quanto foi prazeroso trabalhar no videoclipe e como a organização do trabalho contribuiu em sua organização do Trabalho Colaborativo de Autoria.

Algumas equipes não chegaram ao final do processo com o videoclipe em condições de ser exibido. A turma inteira do 9º ano ficou impossibilitada de fazer por causa da fragmentação das aulas em dois dias distintos e com a concorrência de atividades esportivas e outros projetos, de a segunda aula da semana ser a última e considerando que é após a educação física, eles demoravam a entrar na sala e tinham que sair mais cedo pela necessidade de fazer a última refeição na escola. As reuniões do TCA também aconteciam ou no horário da aula ou um pouco antes, comprometendo a aula de Arte.

Um dos resultados esperados no desenvolvimento do projeto com o videoclipe é o de que os alunos participassem efetivamente da produção de uma obra artística sem a preocupação da venda de uma música, de um mero entretenimento ou ainda o apelo mercadológico de uma propaganda, mas a criação de uma obra de arte a partir da própria construção de uma concepção de videoclipe à medida em que retratam nele a sua forma de perceber o mundo e seu momento.

Ao rever a trajetória do trabalho com os videoclipes desde o SESI noto uma curiosa característica quanto à escolha das músicas pelas equipes. Na primeira tentativa nos idos de 2007 praticamente todas as músicas escolhidas eram brasileiras. Dezesesseis anos mais tarde e as escolhas são praticamente todas de músicas estrangeiras, especialmente americanas ou em inglês.

Isto talvez seja um reflexo contextual. O trabalho foi desenvolvido ainda sobre os ares de pós-pandemia de Covid-19. Os alunos participantes desse projeto retornaram às atividades presenciais após um ano e meio, em alguns casos dois anos, período em que ficaram longe do convívio social com contato físico e várias restrições para interações. Foram sextos e sétimos anos nessas condições. Nesse período muitos desses alunos apontam terem buscado lidar com

os afetos próprios da adolescência em ambientes onde há uma preponderância de músicas estrangeiras: jogos on-line, grupos musicais juvenis, filmes, séries e streamings em geral. Nelas o foco para eles parece estar mais no que a melodia lhe sugere do que propriamente o que a letra diz, vide o sucesso de grupos de K-pop com refrões que *grudam na cabeça*, coreografias e batidas feitas para contagiar e videoclipes que são verdadeiras superproduções. Junto a isso há o arrebatador sucesso entre os juvenis alcançado por cantoras como Billie Eilish, com melodias carregadas de emotividade.

Esse cenário foi acentuado pelas ocorrências de ataques nas escolas³⁰. As escolas reabriram totalmente em fevereiro de 2022, após algumas completarem quase dois anos de fechamento e em 27 de março acontecia um ataque em São Paulo³¹.

De qualquer forma, nas próximas edições pretendo expor os alunos a um contato maior com a riqueza da música brasileira e aos músicos brasileiros reconhecidos pelo mundo e na história.

Quanto ao repertório trabalhado ainda nos 8^{os} anos, inseri algumas músicas de autores e intérpretes sugeridos pela orientadora deste trabalho e o resultado foi muito positivo. São os alunos dos 8^{os} anos que estão em preparação para serem os 9^{os} anos na próxima aplicação do projeto videoclipe.

A partir das reações dos alunos manifestadas nos trabalhos posso fazer uma autoanálise sobre meu desempenho como professor e a forma como a comunicação está se estabelecendo.

Não imagino nenhum ineditismo no projeto apresentado. Ademais imagino a possibilidade de várias adaptações e acréscimos que podem ser experimentados e adequados ao contexto de quem quiser fazer uso dele no todo ou em parte. Por exemplo: ao invés de fazer em equipes, o videoclipe pode ser uma produção individual ou em uma formação mais simples como trios ou duplas; conquanto desta feita o tema para o videoclipe foi acompanhado, mas mantida a liberdade da equipe para a escolha, seria interessante diminuir as opções em função de privilegiar músicas de autores, grupos e cantores nacionais, presentes na diversidade cultural brasileira ou ainda conduzir o projeto de forma que a música brasileira de maneira geral seja a privilegiada nas escolhas para os vídeos.

³⁰Notícia disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/10/brasil-teve-36-ataques-a-escolas-em-22-anos-pos-pandemia-concentra-quase-60.shtml#:~:text=Desde%20fevereiro%20de%202022%2C%20quando,Em%202022%20foram%2010.> Acesso em: 14 dez. 2023.

³¹Notícia disponível em <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

Como já descrito neste trabalho, a escola está localizada em uma região periférica com todas as características peculiares. Entretanto, está cercada de possibilidades de ascensão e é privilegiada em acessos a bens públicos educacionais e culturais. O curioso é que esta escola se destaca em suas atividades mesmo com outras unidades escolares municipais no entorno que atendem ao público da mesma faixa etária. Alguns alunos chegam transferidos de escolas estaduais bem próximas, onde inclusive professores da escola também dão aula. Eles testemunham, depois de algum tempo, das sensíveis diferenças que nossa EMEF apresenta para melhor. Tenho a impressão de que um dos principais motivos seja a localização estratégica. Ela favorece muito a dinâmica das aulas, permitindo ações e práticas externas à sala de aula com muita facilidade. Também com facilidade se desenvolve atividades ligadas a instituições no entorno. Não se trata de centralidade na região, mas da facilidade de conexão terrestre.

Um dos vídeos foi cancelado pelo YouTube porque, segundo a plataforma, violou uma de suas políticas de segurança. A plataforma entendeu que o vídeo fazia apologia ao crime violento, quando na verdade é um alerta para um problema grave, os assassinatos no ambiente escolar. O vídeo foi feito sobre a música *Pumped up kicks*, de 2011, da premiada banda indie pop americana *Foster the People*. A letra sombria da música fez com que fosse proibida de ser veiculada por algum tempo em algumas estações de rádio dos Estados Unidos por conta do tiroteio em uma escola primária (Sandy Hook), em dezembro de 2012 em Connecticut³². A motivação dos alunos para a escolha do tema e consequentemente da música para o vídeo se deu por conta do contexto experimentado no primeiro semestre do ano de 2023 nas escolas de São Paulo. Em março um adolescente de 13 anos esfaqueou quatro professoras e um aluno em uma escola estadual na periferia da cidade³³. O fato desencadeou várias outras tentativas, ameaças e concretização de atos violentos como esse em escolas fazendo com que aulas fossem canceladas e escolas fossem fechadas por algum período por receio de ações semelhantes e ameaças sendo levadas a cabo.

Talvez Oliveira (1992, p. 10) ainda seja atual ao dizer da inconveniência do vídeo na interface Arte-Comunicação. Da mesma forma como o vídeo confirmou seu potencial emergente se tornando comum e uma forma de expressão que confirmamos neste trabalho, a revolução digital com a ascensão recente da Inteligência Artificial parece estar empurrando o vídeo para o mesmo lugar da inconveniência por causa da mesma enxurrada de mudanças

³²A notícia sobre os fatos pode ser lida em <https://edition.cnn.com/interactive/2012/12/us/sandy-hook-timeline/index.html>, acesso em 20 nov. 2023.

³³Um resumo dessa ocorrência entre outras pode ser vista em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembra-casos/>

na Arte e na comunicação que o fez evoluir. Talvez este trabalho traga minimamente alguma contribuição para que se progrida no estudo de novas formas do desenvolvimento de nossos alunos para a utilização dos recursos desse tempo histórico na expressão artística.

O videoclipe mostrou-se o integrador de todas as artes no uso que fizemos dele. Uma vez que a essência do videoclipe é a *música*, essa configura-se como começo, meio e fim. Por isso é o centro de todo o processo criativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUASSI, Adriana. **Filmando música**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.93.2006.tde-16112022-115729. Acesso em: 09 ago. 2023.
- AMIGO fura olho (trabalho). [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Neusa P. Sandalo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iPWp6ucLnJI>. Acesso em 13 nov. 2023.
- ALTRUÍSTA VIRTUAL. Jerry Lewis as typewriter. Vídeo YouTube, 24 jan. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gh5zjxsCcOs>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- ARQUIVO histórico: Remember the Time – Quando negros eram reis e rainhas (JET, Fevereiro 1992). **MJ Beats**, 28 out. 2023. Disponível em: <https://mjbeats.com.br/2023/10/arquivo-historico-remember-the-time-quando-negros-eram-reis-e-rainhas-jet-fevereiro-1992/>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.
- BARBATUQUES. Corpo do Som ao vivo. São Paulo: MCD, 2008. DVD.
- BARBATUQUES. Tum Pá. São Paulo: MCD, 2012. CD.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte**: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae T.; CUNHA, F. P. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- CAMARGO, C. Morre padre Ticão, líder de movimentos sociais na zona leste de São Paulo. Folha de S. Paulo, 02 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/morre-padre-ticao-lider-de-movimentos-sociais-na-zona-leste-de-sp.shtml> . Acesso em: 10 de jan. 2024.
- COHEN, Elizabeth; LOTAN, Rachel A. **Planejando o trabalho em grupo**: estratégias para salas de aula heterogêneas. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.
- CORRÊA, L. J. A. Videoclipe: potencialidade da experimentação de linguagens no campo do audiovisual. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 9, Dourados, **Anais [...]**, 5 a 7 jun. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2008/resumos/r11-0100-1.pdf> Acesso em: 22 jul. 2023.
- CORTÊS, H. A importância da tecnologia na formação de professores. **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre, n. 394, mar. 2009.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

FONTEIRADA, Marisa. O. T. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

THE TYPEWRITER. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Giancarlo Buzzanca. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=p_Eu8iyGD8M. Acesso em: 13 dez. 2023.

JERRY LEWIS as typewriter. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Altruísta Virtual. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gh5zjxsCcOs>. Acesso em 13 dez. 2023.

MENEZES, Kariline Q. Correia; SANTOS, A. L. R. Videoclipe Como Recurso Didático em Sala de Aula. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FÓRUM DE PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 2017. **Anais [...]**. 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/5056/1647>. Acesso em: 30 set. 2021.

MICHAEL JACKSON. - [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Michael Jackson. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LeiFF0gvqcc>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias. **Revista Ciência da Informação: teoria e prática**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, set. 2000.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 2, p. 27-35, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i2p27-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>. Acesso em: 9 ago. 2023.

AMIGO. [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Neusa PSandalo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iPWp6ucLnJI>. Acesso em 13 nov. 2023.

OKUMURA, Renata; CAFARDO, Renata; RE, Ítalo Lo. Ataque em escola de SP: Adolescente de 13 anos mata professora e fere outras quatro pessoas. **Estadão**, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/escola-sao-paulo-alunos-professores-esfaqueados-nprm/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

OLIVEIRA, Pelópidas Cypriano de. **Videoclip: artemidia emergente**. 1992. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FILARMÔNICA EM. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAi7cSVKXfl>. Acesso em: 17 nov. 2023.

PADIN, Guilherme. Escolas temem que onda de violência e ataques que marcou 2022 continue no próximo ano. **R7**, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/escolas-temem-que-onda-de-violencia-e-ataques-que-marcou-2022-continue-no-proximo-ano-02012023>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PAREJO, Enny. Edgar Willems, um pioneiro da educação musical. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpx, 2011

PEREIRA, Itamar de Carvalho. **Metaverso: interação e comunicação em mundos virtuais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PONTES, Pedro. Linguagem dos videocliques e as questões do indivíduo na pós-modernidade. **Sessões do Imaginário**, n. 10, p. 47-51, nov. 2003.

QUÍMICA. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Vinicius. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gWEge3psh0Y>. Acesso em 13 nov. 2023.

REDES. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (6 min.). Publicado pelo canal Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EaAqDuaA-d0> Acesso em: 16 nov. 2022.

SANTOS, Letícia M. Pereira. **O uso do celular nas aulas de Língua Portuguesa: viajando pelo mundo das expressões idiomáticas**. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.360> Acesso em 22 novembro 2022.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Arte**. – 2. ed. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Orientações Didáticas do Currículo da Cidade: Arte**. – 2. ed. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 2008.

SILVA, Marley Guedes da. **O uso do aparelho celular em sala de aula**. Monografia (Curso de Pós-Graduação Lato Sensu) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012. Disponível em: <http://www2.unifap.br/midias/files/2016/04/O-USO-DO-APARELHO-CELULAR-EM-SALA-DE-AULA-MARLEY-GUEDES-DA-SILVA.pdf> Acesso em: 18 jul. 2023.

STEP UP Revolution. Direção: Scott Speer. Produção: Offspring Entertainment, Summit Entertainment. Miami, 2012.

THE TYPEWRITER. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Giancarlo Buzzanca. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=p_Eu8iyGD8M. Acesso em 13 dez 2023.

TOKARNIA, Mariana. Município do Rio de Janeiro proíbe uso de celular em salas de aula. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 07 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-08/municipio-do-rio-de-janeiro-proibe-uso-de-celular-em-salas-de-aula>. Acesso em: 08 ago. 2023.

TOMAZELA, José Maria. Ex-aluno com suástica é apreendido após lançar bombas caseiras contra escola no interior de SP. Estadão, 13 fev. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/ataque-escola-monte-mor-sao-paulo-suastica-nprm/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

VIDEOCLÍPE - 9A ANDRÉ [S. l.: s. n.], 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: <https://youtu.be/Mbx-nZa1Z2Q> Acesso em: 17 mar 2024.

VIDEOCLÍPE 9A CAROL. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: <https://youtu.be/1M30D7a9fS0> Acesso em: 17 mar 2024.

Videoclipe 9B CAMILA. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: https://youtu.be/RjG_M8i-WUU Acesso em: 17 mar 2024.

Videoclipe 9B MILENA. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: https://youtu.be/q8TT_Gh-AZU . Acesso em: 17 mar 2024.

Videoclipe 9B – VITÓRIA. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: <https://youtu.be/mVK2di90NMs> Acesso em: 17 mar 2024.

11 TIPOS DE CLIPES. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal DTV Clássicos. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uN_3-976ILE. Acesso em 14 nov 2023.

4 Life. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em <https://youtu.be/iqmlUnVFatQ> Acesso em: 21 nov. 2023

6 em cada 10 docentes se formaram à distância; número mais que dobrou em 10 anos, diz Todos Pela Educação. G1, São Paulo, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/07/20/6-em-cada-10-docentes-se-formaram-a-distancia-numero-mais-que-dobrou-em-10-anos-diz-todos-pela-educacao.ghtml> . Acesso em: 31 jul. 2023.

APÊNDICE A – PLANO DE AULA DIDÁTICA PROPOSTA PARA OS 8º ANOS

PLANO DE AULA ARTE – Prof. Charles Pinheiro Ensino Fundamental II – 8º ano			
Assunto(s)	Musicalização e Videodança		
Campos Conceituais	Objetos de Conhecimento	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
- Linguagens Artísticas	Artes Visuais em relação: arte híbrida Dança em relação: arte híbrida MÚSICA em relação a arte híbrida Elementos da Linguagem	(EF08A01) Conhecer linguagens convergentes: moda, design, publicidade (consumo), arquitetura (urbanismo), cinema, videoclipe etc. (EF08A08) Conhecer a relação entre dança e tecnologia (videodança, dança telemática, dança-computador e outros hibridismos). (EF08A09) Usar os elementos da dança em conexão com as novas tecnologias para composição. (EF08A13) Conhecer relações de hibridismo da música com outras linguagens artísticas. (EF08A15) Relacionar processos criativos envolvendo música com outras linguagens artísticas.	 
- Experiência Artística e Estésica		(EF08A18) Experimentar funções da linguagem teatral para além da representação.	
- Processos de Criação	Artes Visuais e Sociedade	((EF08A04) Apreciar e problematizar os processos criativos e suas poéticas, fazendo escolhas de materialidades e linguagens artísticas no desenvolvimento de projetos de arte.	 
- Saberes e Fazeres Culturais		(EF08A06) Reconhecer temáticas presentes nas artes visuais e suas relações com temas emergentes da sociedade contemporânea.	 
Conteúdos	• Linguagens Artísticas • Videoarte • Música • Videodança		

Duração	900 minutos - 20 aulas)
Procedimentos Metodológicos	- Aula expositiva e dialogadas com provocações propositivas - Apreciação musical. - Prática de captação de imagens estáticas ou dinâmicas (vídeos) - Idealização, roteirização e execução de uma videodança.
Recursos didáticos	• Quadro branco e pincel • Projetor multimídia • Caixa de Som • Caderno de Desenho. • Câmera • Smartphones
Avaliação	- Processual - Autoavaliação - Formativa – Acompanha todo o desenrolar do projeto à medida em que os envolvidos são colocados em situações de aprendizagem. Observando a forma como respondem às provocações, recebem os estímulos e fazem registros no caderno de arte, terão condições de fazer as adequações que se fizerem necessárias. Embora a avaliação seja individual, o trabalho é coletivo e na ação e interação com as outras equipes são identificados os avanços e as dificuldades.
DESCRIÇÃO DAS AULAS	
Salvo melhor juízo, a aula constará de três partes: 1. Explanação teórica sobre o que não é e o que é videodança, seu caráter artístico, tipos, exemplos de artistas nacionais e internacionais, exibição de trabalhos de anos anteriores, apontamentos e discussão sobre o que for assistido. 2. Explanação sobre aspecto técnico do projeto com a preparação para a parte prática. Esta será algum aspecto técnico como captura, escolha e tratamento de imagens, roteirização e etc. 3. Divisão para trabalho e acompanhamento equipe por equipe. Geralmente relacionado às etapas para a produção da videodança pelo grupo até a finalização da produção e a exibição.	

APÊNDICE B – PLANO DE AULA DIDÁTICA PROPOSTA PARA OS 9º ANOS
Sequência didática proposta

PLANO DE AULA
ARTE – Prof. Charles Pinheiro
 Ensino Fundamental II – 9º ano

Assunto(s)	<i>Audiovisual – Artemídia – Multimídia</i>		
Campos Conceituais	Objetos de Conhecimento	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
- Linguagens Artísticas	Artes Visuais	(EF09A01) Ampliar o conhecimento sobre diferentes linguagens das artes visuais.	 
	Dança	(EF09A08) Conhecer a relação entre dança / tecnologia e o uso da tecnologia como forma de registro.	
- Experiência Artística e Estésica	MÚSICA	(EF09A02) Reconhecer e construir argumentos sobre a articulação de elementos da linguagem e de temáticas na arte.	
	Teatro	(EF09A16) Investigar obras musicais e compositores que lidam com instrumentos não convencionais e se valem da ciência e da tecnologia como base para o seu trabalho.	
- Processos de Criação		(EF09A17) Experimentar processos de criação musical por meio de percussão corporal, canto individual e coral, além de objetos diversos que possibilitem essa experiência.	 
- Saberes e Fazeres Culturais		(EF09A07) Reconhecer e problematizar processos criativos e suas poéticas, desenvolvidos na escola e na comunidade. (EF09A19) Identificar, entre as músicas ouvidas no cotidiano, aquelas derivadas	 

		da relação entre música e ciência/tecnologia.	
Conteúdos	• Linguagens Artísticas • Videoclipe • Pré-produção • Produção • Pós-produção • Multimídias		
Duração	900 minutos - 20 aulas)		
Procedimentos Metodológicos	- Aula expositiva e dialogadas com provocações propositivas - Apreciação musical. - Prática de captação de imagens. - Idealização, roteirização e execução de videoclipe		
Recursos didáticos	• Quadro branco e pincel • Projetor multimídia • Caixa de Som • Caderno de Desenho. • Câmera • Smartphones		
Avaliação	- Processual - Autoavaliação - Formativa – Acompanha todo o desenrolar do projeto à medida em que os envolvidos são colocados em situações de aprendizagem. Observando a forma como respondem às provocações, recebem os estímulos e fazem registros no caderno de arte, terão condições de fazer as adequações que se fizerem necessárias. Embora a avaliação seja individual, o trabalho é coletivo e na ação e interação com as outras equipes são identificados os avanços e as dificuldades.		
DESCRIÇÃO DAS AULAS			
Salvo melhor juízo, a aula constará de três partes:			
4. Exemplo de videoclipe de anos anteriores ou relacionados ao assunto em apreço. 5. Explanação sobre aspecto técnico do projeto 6. Divisão para trabalho e acompanhamento equipe por equipe.			

APÊNDICE C – REPERTÓRIO DE MÚSICAS PARA SENSIBILIZAÇÃO E PERCEPÇÃO

Compositor	Música
Leroy Anderson	A Máquina De Escrever
Ludwig Van Beethoven	Para Elisa (Bagatella em Lá menor)
Heitor Villa-lobos	Floresta do Amazonas: O Fogo na Floresta
Luigi Boccherini	Quinteto Para Cordas em Mi Maior, Op. 13 nº 5 - Minueto
Johannes Brahms	Dança Húngara nº 5 em Sol menor
Mozart Camargo Guarnieri	Sonata para Viola e Piano
Sir Edward Elgar	Pompa e Circunstância, op. 39: Marcha nº1 em Ré Maior
Carlos Gomes	O Guarani
Edvard Grieg	Peer Gynt op. 23
Egberto Gismonti -	Selva Amazônica
Aram Khatchaturian	Gayaneh; Dança Do Sabre
Alberto Nepomuceno	Batuque
Leopold Mozart	Da Sinfonia Dos Jogos Infantis: Allegro
Wolfgang Amadeus Mozart	Sonata em Lá Maior, KV 331 Marcha Turca: Allegretto
Ottorino Respighi	Os Pássaros: A Galinha
Nikolai Rimsky- Korsakov	O Voo Do Bezouro
Gioacchino Rossini	Guilherme Tell: Abertura (Final)
Camille Saint-Saëns	O Carnaval dos Animais: O Elefante
Heitor Villa Lobos -)	Bachianas Brasileiras Nº 2 - IV. Tocata (O trezinho do caipira)
Johann Strauss	Marcha Radetzky, op. 28
Pyotr Ilyich Tchaikovsky	Quebra-Nozes, op. 71: Dança Chinesa
John Williams	Tema do Filme <i>Super-Homem</i>
Barbatuques	Baianá
Barbatuques	Você Chegou (<i>Beautiful Creatures</i> – tema do filme <i>Rio 2</i>)

APÊNDICE D – LINK DE VIDEOCLIPES

1. 4 LIFE. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em <https://youtu.be/iqmlUnVFatQ> Acesso em: 21 nov. 2023



2. VIDEOCLIQUE 9A CAROL. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: <https://youtu.be/1M30D7a9fS0> Acesso em: 17 mar 2024.



3. VIDEOCLIQUE - 9A ANDRÉ [S. l.: s. n.], 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: <https://youtu.be/Mbx-nZa1Z2Q> Acesso em: 17 mar 2024.



4. Videoclipe 9B - VITÓRIA [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: <https://youtu.be/mVK2di90NMs> Acesso em: 17 mar 2024.



5. Videoclipe 9B MILENA [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: https://youtu.be/q8TT_Gh-AZU . Acesso em: 17 mar 2024.



6. Videoclipe 9B CAMILA [S. l.: s. n.], 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Chuck Pinheiro. Disponível em: https://youtu.be/RjG_M8i-WUU Acesso em: 17 mar 2024.

